

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM HISTÓRIA DA ARTE

EDUARDA DA SILVEIRA FONTENA

ENTRE TRADIÇÃO E INOVAÇÃO:

O legado artístico de Ernesto Frederico Scheffel (1927-2015)

Porto Alegre
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM HISTÓRIA DA ARTE

EDUARDA DA SILVEIRA FONTENA

**ENTRE TRADIÇÃO E INOVAÇÃO:
O legado artístico de Ernesto Frederico Scheffel (1927-2015)**

Porto Alegre
2024

EDUARDA DA SILVEIRA FONTENA

**ENTRE TRADIÇÃO E INOVAÇÃO:
O legado artístico de Ernesto Frederico Scheffel (1927-2015)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso Bacharelado em História da Arte, do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Bacharel em História da Arte.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Joana Bosak de Figueiredo - UFRGS

Banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Kátia Maria Paim Pozzer - UFRGS

Prof^º. Paulo Daniel Spolier - EXTERNO

Porto Alegre

2024

Amor se faz mesmo sem arte. Arte não se faz mesmo sem amor.

Ernesto Scheffel

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, expresso minha gratidão a todos meus professores, do ensino fundamental até a graduação, que me inspiraram a encontrar resposta para as minhas indagações. Agradeço a UFRGS, que me possibilitou cursar o bacharelado em História da Arte. Aos professores, técnicos e funcionários terceirizados da Universidade, que me proporcionaram um ambiente acolhedor para pesquisar e aos colegas e amigos do Ateliê Um, que me incentivaram a fazer o vestibular da UFRGS para História da Arte.

Agradeço especialmente à minha orientadora, Joana Bosak, que acreditou nesta pesquisa e me deu todas as ferramentas possíveis para que ela fosse executada.

Aos queridos professores do curso, que são minha inspiração, Prof^ª. Kátia Pozzer, Prof^ª. Paula Ramos, Prof. Paulo Gomes, Prof^ª. Daniela Kern e Prof. Francisco Marshall.

Aos meus colegas de curso, especialmente àqueles que foram companheiros de debates e das mais variadas conversas, Caroline Kiosseski, Rosana Cavaleri, Andrei Gutierrez.

À banca, que acreditou nesta pesquisa desde seu projeto e por aceitarem compartilhar suas percepções e conhecimento.

À Fundação Ernesto Frederico Scheffel, por manter vivo o propósito de Scheffel.

Ao historiador Paulo Daniel Spolier, que desde as disciplinas de laboratório tem me ajudado com informações valiosas e por ter aceitado compor a banca.

Ao Angelo Reinheimer, curador da Fundação, por ter me recebido e disponibilizado materiais para a execução da pesquisa.

À minha família, que nunca deixou de acreditar em mim. Meu pai Helomar, minha mãe Hilda e minhas irmãs Cristiane, Amanda, Ketlen e Diully.

Por fim, o mais importante, agradeço ao meu amor Guilherme, que nunca me deixou desistir e me apoiou durante todo este processo.

RESUMO

Esta monografia pretende recuperar parte da trajetória artística de Ernesto Frederico Scheffel (1927-2015) através de uma pesquisa documental, que envolve consulta em acervos, arquivos públicos e privados, e demais materiais que contribuam para uma compreensão mais profunda da vida e obra do artista. O propósito central é colaborar para a construção da história da arte do Rio Grande do Sul do século XX, destacando a participação de Scheffel, que apesar de ser um artista pouco conhecido e estudado, recebeu premiações nacionais e obteve projeção internacional. Ele também dá nome a Fundação Ernesto Frederico Scheffel, museu que abriga grande parte de suas obras.

Palavras-chave: Ernesto Frederico Scheffel. História da arte no Rio Grande do Sul. Instituto de Artes.

ABSTRACT

This monograph aims to recover part of the artistic trajectory of Ernesto Frederico Scheffel (1927-2015) through documentary research, which involves consulting collections, public and private archives, and other materials that contribute to a deeper understanding of the artist's life and work. The central objective is to contribute to the construction of the art history of Rio Grande do Sul in the 20th century, highlighting the participation of Scheffel, who despite being a little-known and trained artist, received national awards and achieved international recognition. He also gives its name to the Ernesto Frederico Scheffel Foundation, the museum that houses many of his works.

Keywords: Ernesto Frederico Scheffel. History of art in Rio Grande do Sul. Institute of Fine Arts.

SIGLAS

AFL	Associação Francisco Lisboa
AHIA	Arquivo Histórico do Instituto de Artes
APLUB	Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil
FEFS	Fundação Ernesto Frederico Scheffel
FENAC	Feira Nacional do Calçado
IA UFRGS	Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
IBA	Instituto de Belas Artes
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MARGS	Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli
MNBA	Museu Nacional de Belas Artes
NH	Novo Hamburgo
OSPA	Orquestra Sinfônica de Porto Alegre
RS	Rio Grande do Sul
SPAHN	Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. INSTITUTO DE ARTES E ESCOLA TÉCNICA PAROBÉ: FORMAÇÃO E INFLUÊNCIAS. 17	
1.1. Escola Técnica Parobé.....	18
1.2. Instituto de Belas Artes.....	20
2. O ARTISTA: De Hamburgo Velho à bela Itália.....	27
2.1. O Salão Nacional de Belas Artes.....	35
2.2. Em terras estrangeiras.....	41
2.3. Autorretrato em três partes.....	50
3. FUNDAÇÃO SCHEFFEL: O legado de um artista.....	58
3.1. Scheffel e a preservação patrimonial.....	60
3.2. Muito mais que um museu de arte.....	66
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	72
APÊNDICES.....	75
ANEXOS.....	80

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Scheffel na Escola Técnica Parobé - Registro por Alceu Feijó.....	18
Figura 2 - Instituto Parobé ou Escola Técnica Parobé.....	19
Figura 3 - Ficha de matrícula no Instituto de Belas Artes de Ernesto Scheffel, 1943.....	23
Figura 4 - Catálogo: Exposição de Belas Artes do ano de 1944.....	23
Figura 5 - Dois Amores, 1944.....	24
Figura 6 - 3º Batalhão de Engenharia em Marcha, 1947.....	25
Figura 7 - Meditação, 1951.....	29
Figura 8 - Rixa Gaúcha, 1952.....	30
Figura 9 - O Suicida, 1950.....	32
Figura 10 - Hecatombe, 1953 (inacabada).....	33
Figura 11 - Hamburgo Velho, 1956.....	36
Figura 12 - Tríptico: O Culto a Natureza - Criação - O Conhecimento da Natureza, 1957.....	37
Figura 13 - Capa do catálogo do LXIII Salão Nacional de Belas Artes e página correspondente às obras enviadas por Scheffel.....	39
Figura 14 - Caramurú-Guaçú, 1958.....	40
Figura 15 - Jerônimo, 1958.....	41
Figura 16 - Restauração pictórica de Os Quatro Filósofos, 1961, Florença.....	43
Figura 17 - Madonna Nº 1 e Madonna Nº 2 (Estudo para Madonna Del Pitto).....	44
Figura 18 - Mitos, 1972.....	45
Figura 19 - Tríptico Verão, 1978.....	46
Figura 20 - Prova de flauta, 1978.....	47
Figura 21 - Vallico Sotto, 2006.....	49
Figura 22 - Promessa enigmática, 1949.....	51
Figura 23 - O homem desesperado, 1843-45.....	52
Figura 24 - Autorretrato com a morte tocando violino, 1872.....	53
Figura 25 - Signo de Balança, 1956.....	55
Figura 26 - Autorretrato Florentino, 1960-64.....	56

Figura 27 - Jornal NH, outubro de 1976.....	60
Figura 28 - Ernesto Frederico Scheffel com o historiador Carlos Henrique Hunsche em 1974.....	61
Figura 29 - Ernesto Frederico Scheffel pintando a fachada de um prédio em Hamburgo Velho.....	63
Figura 30 - Correio do Povo, 19 de maio de 1982.....	63
Figura 31 - Jornal Folha da Tarde, 10 de março de 1983.....	64
Figura 32 - Jornal NH, Setembro de 1989.....	65
Figura 33 - Salão principal - Auditório Adão Adolfo Schmitt - FEFS, 2024.....	67



Ateliê em Florença, Óleo sobre tela - 100 x 126 cm - Florença de 1980 a 1990 - Ernesto Frederico Scheffel - Acervo FEFS

INTRODUÇÃO

Ernesto Frederico Scheffel nasceu no dia oito de outubro de 1927, na cidade de Campo Bom, Rio Grande do Sul. Proveniente de uma família de imigrantes alemães, cresceu imerso na tradição germânica presente nas colônias do estado. Seus pais eram Albano J. Hans Scheffel (1898-1983) e Hilda Feltes Jacobus (1904-1976), que tiveram mais três filhos: Alice, Lia e Albano Nelson. A família contava com carpinteiros e marceneiros, sendo uma tradição desde 1590 de construtores de casas enxaimel¹. Além disso, a família de Scheffel também cultivava talentos artísticos. Seus tios e tias tocavam os mais variados instrumentos musicais e a tia de Scheffel, Irene Dick, era uma autodidata na pintura e o influenciou neste sentido (SCHEFFEL, 2013, p. 20), sendo assim, o primeiro contato com as artes se deu ainda em ambiente familiar.

Após a mudança da família de Campo Bom para Novo Hamburgo, momento em que Scheffel tinha em torno de oito anos de idade, recebeu seus primeiros materiais de pintura. Embora simples, o material era suficiente para que ele começasse a reproduzir imagens de cartões postais. Ainda criança e inexperiente artisticamente, presenteou com um quadro o então prefeito de Novo Hamburgo Odon Cavalcanti em um dos encerramentos de semestre da Escola Evangélica de Hamburgo Velho. Seu talento chamou a atenção do político, resultando em um convite para participar da Semana da Pátria em Porto Alegre de 1940, juntamente com outras crianças de origem germânica. A atividade fazia parte do programa de Integração Nacional da Secretaria da Educação. Durante esta passagem pela capital, Scheffel foi apresentado a Angelo Guido², João Cândido Canal³ e ao Coronel Osvaldo Cordeiro de Farias⁴, que avaliaram suas habilidades artísticas (SCHEFFEL, 2013). Um ano depois, em 1941, o pai de Scheffel concedeu a autorização ao Coronel Osvaldo Cordeiro de Farias, Interventor do Estado, permitindo que estudasse no Instituto de Belas Artes e na Escola Técnica Parobé.

Ao longo de sua adolescência e primeiros passos na formação como artista, Scheffel dividiu-se entre Porto Alegre e Novo Hamburgo. Durante a semana estudava regularmente na

¹ Enxaimel é uma técnica de construção amplamente utilizada na Alemanha e em regiões com colônias germânicas. As paredes são sustentadas por vigas de madeira em posições horizontais, verticais ou inclinadas e seu preenchimento também pode variar, como taipa, adobe e tijolos. Em Novo Hamburgo, ao lado da FEFS temos a Casa Schmitt-Presser, que abriga o Museu Comunitário, cuja construção data de 1828. A casa foi tombada como patrimônio histórico em 1985, sendo o primeiro bem relativo à imigração alemã tombado no país pelo IPHAN (SEIXAS, 2014).

² Angelo Guido (1893-1969), pintor e crítico de arte italiano, fixou-se em Porto Alegre em 1925 e em 1936 tornou-se professor de história da arte no Instituto de Belas Artes.

³ João Cândido Canal (data de nascimento e morte não encontrada) foi professor de desenho da Escola Técnica Parobé e considerado por Scheffel um dos seus grandes mestres.

⁴ Osvaldo Cordeiro de Farias (1901-1981) - Foi um militar e político brasileiro

capital, e aos finais de semana se dedicava à produção livre no bairro onde vivia sua família. Na Escola Técnica Parobé, Scheffel teve como mestre e professor João Cândido Canal, que ao ensinar desenho técnico, evocava toda a tradição clássica europeia.

Um ano depois, Scheffel ingressou também no Instituto de Belas Artes. Teve aula com professores ativos no cenário artístico da época, muito associados às técnicas da arte vigentes no período, ligadas à academia. Neste momento, se manteve conectado não apenas à produção artística pictórica, mas ao estudo de bibliografias essenciais da história da arte e da música clássica, atividade esta muitas vezes executada na biblioteca do IBA, um dos seus locais favoritos do instituto, conforme relata em sua autobiografia *Scheffel por ele mesmo* (2013).

No IBA, Scheffel foi aluno de professores de grande relevância no cenário artístico da metade do século XX no Rio Grande do Sul.

Meus professores eram João Fahrion (pintura figurativa), Benito Castañeda (pintura de paisagem), Fernando Corona (modelagem), José Lutzenberger (geometria), Angelo Guido (história da arte), Luiz Maristany de Trias (anatomia) e Ernani Corrêa (arte decorativa). (SCHEFFEL, 2013, p.22).

Em 1947 Scheffel ingressou no Serviço Militar obrigatório. Dentro do exército pode participar do II Salão Militar de Artes Plásticas, onde teve a oportunidade de ir ao Rio de Janeiro e conhecer o pintor Oswaldo Teixeira,⁵ que em declaração ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul atesta o talento do jovem artista, incentivando o investimento do poder público na produção das suas obras.

Meu interesse pela vida e obra do artista foi despertado a partir de uma visita à Fundação Ernesto Frederico Scheffel, localizada no Centro Histórico de Novo Hamburgo, que abriga hoje grande parte das suas obras, que também integram a área tombada pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional⁶. Durante a visita fiquei impressionada com as habilidades técnicas e diversidade temática, pensei inclusive que eram obras de artistas diferentes, levando em consideração que o acervo abrange pinturas, esculturas, desenhos e poesias realizadas ao longo de uma vida artística de produção intensa e suas naturais transformações. Me intrigou o fato de nunca ter tido conhecimento sobre o artista ou da Fundação durante o bacharelado em História da Arte, afinal, Scheffel teve seu reconhecimento

⁵ Oswaldo Teixeira do Amaral (1905 - 1974), foi um pintor e crítico de arte brasileiro. Fundou o Museu Nacional de Belas Artes, que dirigiu durante 25 anos. Também foi presidente do Salão Nacional de Belas Artes durante nove anos.

⁶ Em 2015 o Centro Histórico de Hamburgo Velho passou pelo processo de tombamento. Soma-se, além da Fundação Ernesto Frederico Scheffel e seu acervo artístico e documental, cerca de 70 imóveis, onde se destacam algumas técnicas de construção como a Enxaimel (SEIXAS, 2014).

em vida⁷, como em 1958, onde recebeu através do Salão Nacional de Belas-Artes o Prêmio de viagem ao Exterior, um dos mais cobiçados da época, lhe permitindo no ano seguinte estudar na Itália, lugar onde se estabeleceu e desenvolveu uma carreira.

A bibliografia sobre Ernesto Frederico Scheffel é limitada, sendo sua autobiografia a de maior fôlego, porém há poucos estudos sobre sua obra. Em artigos mais complexos é destacado apenas sua participação no processo de tombamento do Centro Histórico de Hamburgo Velho e consequentemente da criação da FEFS, embora essa bibliografia seja imprecisa.

Dada a falta de literatura bibliográfica apropriada que trate de Scheffel, esta pesquisa se baseará principalmente na análise de fontes primárias, como documentos, fotografias, reportagens e críticas, visando compreender a recepção do público e dos especialistas em relação à produção artística. Esta pesquisa também foi construída a partir do acervo documental do Arquivo Histórico do IA UFRGS - AHIA e o Museu de Arte do Rio Grande do Sul Aldo Malagoli - MARGS, ambos localizados em Porto Alegre, RS. Desta maneira, o caráter desta monografia é exploratório, com enfoque em momentos importantes na vida do artista, a fim de resgatar sua trajetória com base em recortes de sua produção artística, tentando preencher uma lacuna na história da arte do Rio Grande do Sul, mas já sabendo tratar-se de um esforço inicial que pode e deve ser ampliado e aprofundado.

Para contextualizar o cenário artístico em Porto Alegre antes da ida de Scheffel para o Rio de Janeiro e em seguida para a Itália, utilizei como fonte três obras referenciais, que me permitiram observar o campo ampliado. A primeira delas, que contribuiu para a compreensão da consolidação de um sistema da arte gaúcha, foi a pesquisa da Dra. Neiva Maria Fonseca Bohns, intitulada *Continente Improvável: artes visuais no Rio Grande do Sul do fim do século XIX a meados do século XX* (2005). A segunda foi o livro *100 anos de Artes Plásticas no Instituto de Artes* (2012), que trata do que foi produzido no Instituto de Artes, englobando tanto alunos quanto professores e foi essencial para a construção do primeiro capítulo deste trabalho. É composto por ensaios dos professores Paulo Gomes, Maria Amélia Bulhões, Icléia Cattani e Blanca Brittes. A última referência, *Artes plásticas no Rio Grande do sul: Uma panorâmica* (2007), se trata de uma obra organizada pelo professor Paulo Gomes, com textos substanciais para o entendimento da arte sul-riograndense, das missões jesuítas até a contemporaneidade.

Esta pesquisa se propõe a apresentar, refletir e contextualizar a obra de um artista gaúcho pouco explorado pela historiografia da arte do Brasil, logo, os elementos pesquisados não tratam apenas de suas obras, mas também das memórias, especialmente as que foram publicadas em sua

⁷ ROSA, Renato & PRESSER, Décio. Dicionário de Artes Plásticas no Rio Grande do Sul. Segunda edição – Revista e Ampliada. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000. p. 192-193.

autobiografia. Ao se tratar de uma pesquisa biográfica e que visa construir parte de uma trajetória, não é possível pensar em uma narrativa linear (BOURDIEU, 2006), afinal também deve-se levar em consideração contextos políticos e sociais que muitas vezes são ignorados nessas abordagens. O recorte de temas realizados na monografia se deu a partir de um olhar sobre as obras de Scheffel relacionadas a temas recorrentes, e sua participação no Salão Nacional de Belas Artes.

O primeiro capítulo abordará o início da formação de Scheffel, tanto como aluno do IBA quanto como da Escola Técnica Parobé. Este período abrange a década de 1940, nele se encontram os primeiros contatos do artista com exposições e com diversos tipos de técnicas e experimentações. Também trata das suas primeiras relações com grandes influências que lhe ajudaram a partir para o Rio de Janeiro através de uma bolsa de estudos.

O segundo capítulo trata do período em que Scheffel partiu do Rio Grande do Sul para os estudos no Rio de Janeiro. Um olhar mais aprofundado é sobre suas tentativas para receber o Prêmio de Viagem ao Exterior, onde também são analisados os reflexos de suas obras nas críticas de jornais. Especial atenção é dada ao período em que esteve na Itália, desde sua modesta chegada à fase de maior libertação. Finalizo o capítulo com a análise de três autorretratos, sintetizando os três períodos marcantes na trajetória do pintor.

A Fundação também recebe uma atenção à parte, devido à riqueza de materiais a serem pesquisados e a sua importância na história de Scheffel, o que me fez perceber que há muitas fontes documentais pouco exploradas de pesquisa sobre o artista. Scheffel teve grande atuação no processo de tombamento do centro histórico de Hamburgo Velho, em Novo Hamburgo, e é muito reconhecido na região por este feito. Sendo assim, não poderia deixar de mencionar sua participação nas questões ligadas à preservação patrimonial, que fazem parte da sua trajetória.

Por este motivo ressalto que esta é uma pesquisa inicial sobre o artista e uma oportunidade para que mais pesquisadores o percebam e examinem suas obras e relevância para a história da arte gaúcha e nacional.



Pic-Nic Lia e Frederico - Óleo sobre madeira - 50,1 x 70,3 cm 1943/44
Ernesto Frederico Scheffel - Acervo FEFS

1. INSTITUTO DE ARTES E ESCOLA TÉCNICA PAROBÉ: FORMAÇÃO E INFLUÊNCIAS

A formação artística de Ernesto Frederico Scheffel ocorreu na cidade de Porto Alegre, ao longo da década de 1940. Em seu primeiro ano na capital, cursou somente a Escola Técnica Parobé, que lhe serviu também de lar. Depois ingressou na Escola de Belas Artes, na época uma das maiores instituições formadoras de artistas do estado (BRITES *et al*, 2012). No contexto da Escola Técnica Parobé, Scheffel teve como figura central João Cândido Canal. Infelizmente as informações sobre Canal são escassas. Realizei busca em jornais da época e tive como foco o Museu da Comunicação Hipólito José da Costa de Porto Alegre, que também não localizou em seu acervo documental e fotográfico informações sobre o professor, que de acordo com os relatos de Scheffel, estudou em Paris e lecionou anteriormente nos Estados Unidos.

Canal foi muito importante no processo de formação de Scheffel, mas principalmente, por acreditar que ele tinha potencial. Usou de sua influência para tentar levar o jovem artista para a capital da arte no Brasil, o Rio de Janeiro.

Buscando uma bolsa de estudos, Canal escreveu em 1949 para Poty Medeiros (1903-1978), presidente da Assembleia Legislativa do Estado, atestando a qualidade e o talento de Scheffel.

Na qualidade de professor estadual e professor que fui, do magnífico aluno Scheffel, venho dizer-vos o seguinte: Poucas vezes, como esta, tereis oportunidade de obter tão elevado juro de capital empregado e necessário ao aperfeiçoamento do prestimoso cidadão que é Ernesto Frederico Scheffel. Conheço-o suficientemente bem e sei de quanto é capaz...

Ele reúne as quatro qualidades raras e necessárias aos gênios: vocação, entusiasmo, perseverança e talento artístico. Jamais vi, em minha longa vida, tantas qualidades reunidas no artista nato. Um só e grande defeito lhe conheço: uma excessiva modéstia. Se a civilização de um povo é aquilatada pelo valor de sua arte, tendes, neste momento, a vossa oportunidade. É na Itália e na França que ele deveria estudar as grandes obras. É ali, e sem perda de tempo, que deverá aperfeiçoar-se com os artistas daqueles países, antes que a sua pátria pareça enjeitá-lo, como magoadamente revelam os nossos artistas de antanho. Se há inúmeros técnicos nossos estudando no estrangeiro por conta do Estado como, aliás, é necessário, não menos necessária é a eficiente ajuda àquele que, nascido artista, revelou, em certo tempo, qualidades mais que suficientes a atestar um brilhantíssimo futuro. Duas probabilidades se lhe apresentam e de vós depende o sucesso: primeiro, viagem e estadia na Itália e na França: aqui o sucesso será completo. Segundo, estadia no Rio – meio sucesso e insatisfação. Eu opto, sem reservas, pela primeira. Ernesto deve voltar bem moço, efetuar um tempo de readaptação da sua arte ao ambiente brasileiro, para poder criar escola nacional. Se não temos

atualmente escola, é precisamente porque os nossos artistas se fizeram tarde e, regressando em idade avançada, de poucos anos dispuseram e a tempo de formar bom número de discípulos. (CANAL, *apud* SCHEFFEL, 2013, p. 39)

No Instituto de Artes teve conhecimento do sistema artístico, estudou com as maiores referências da capital, realizando trabalhos em conjunto com professores, como foi o caso do convite de José Lutzenberger para ampliação dos painéis decorativos da Igreja São José, de Porto Alegre (HÄDRICH, 2021), atividade semelhante que realizaria posteriormente em igrejas na Itália.



Figura 1 - Scheffel na Escola Técnica Parobé - Registro por Alceu Feijó

Fonte: SCHEFFEL, Ernesto Frederico; REINHEIMER, Angelo (org); HERMES, Gilmar (org). *Scheffel por ele mesmo*. Novo Hamburgo: Um Cultural. 2013.

1.1. Escola Técnica Parobé

Formado em 1906 por um grupo de professores da Escola de Engenharia de Porto Alegre, o Instituto Parobé foi criado com o intuito de capacitar profissionais através do ensino técnico. Nos

seus primeiros anos haviam cursos de mecânica, serralheria, forja, marcenaria e carpintaria. Na década de 1920 foram acrescentados cursos para o público feminino, como culinária, corte e costura, bordado e jardinagem. O Instituto Parobé funcionava como internato e era frequentado majoritariamente por jovens de baixa renda. Foi idealizado pelo engenheiro e professor João José Pereira Parobé, que faleceu em 1915. Parobé foi homenageado tendo seu nome na instituição, que anteriormente era chamada de Escola Benjamin Constant.



Figura 2 - Instituto Parobé ou Escola Técnica Parobé

IBGE. Instituto Parobé, Porto Alegre/RS. S.d. Disponível em:
<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=440950>
Acesso em: 13 dez. 2023.

Na instituição, Scheffel estudou Desenho Industrial na parte da tarde e à noite um curso para operários da construção civil. Seu grande mestre e incentivador, João Cândido Canal, dizia que tudo tinha como base o desenho. Na sala do professor Canal, Scheffel, muito tímido como relata em seus textos, ia em busca da avaliação do atento olhar do professor que havia estudado na Europa e visto obras dos grandes mestres da pintura.

No mês de março de 1941, ingressei na Escola Técnica Parobé – uma soberba edificação projetada pelo arquiteto belga Chrétien Hoogenstraaten, inaugurada em 1928. Em duplo sentido, foi nessa escola e casa que cresci dos treze aos dezenove anos, onde as raízes do meu ser iniciaram, lentamente, a desafiar as minhas possibilidades ocultas e mágicas. Gosto de lembrar que não cheguei sozinho à Escola Técnica Parobé, mas acompanhado de meu irmão maior, Albano Nelson,

de dezesseis anos. À chegada, encontramos o diretor do internato, doutor Plauto Azambuja, um homem bastante loquaz e de rápido entendimento. (SCHEFFEL, 2013, p. 20)

Foi na Escola Técnica Parobé que Scheffel se aproximou da professora e pianista Irma Eick (1911-1972) através de uma encomenda. Eick pediu para que Scheffel retratasse em um quadro seus três filhos e assim ele o fez, no ano de 1944. A convivência com a família da professora fez despertar uma paixão pela música e conseqüentemente levou o jovem a acompanhar a movimentação artístico-musical naquela época. Scheffel, além de pintor, escultor e poeta, também foi feliz em suas composições, tendo algumas delas registradas em disco. O primeiro registro de música erudita de um compositor gaúcho realizado pela Orquestra Sinfônica de Porto Alegre - OSPA, foram as peças musicais de Scheffel, em 1983.

1.2. Instituto de Belas Artes

O Instituto de Belas Artes foi fundado, em sua primeira versão, em 1908 (como Instituto Livre de Belas-Artes), através de uma iniciativa do Estado do Rio Grande do Sul, sendo inicialmente composto pelo departamento de música e dois anos depois se acrescentaria a Escola de Artes (BRITES *et al*, 2012). O IBA se constituiu como a maior e mais tradicional escola de artes do sul do país, cuja ênfase era no ensino formal. Foi presidido por Olinto de Oliveira (1865-1956) e dirigido por Libindo Ferrás (1877-1951), que seguia os mais rigorosos princípios da tradição artística europeia do século XIX (GASTAL *et al*, 2007)

Com relação ao programa de ensino da Escola, o que podemos afirmar é que ele, naturalmente, acompanhou o modelo vigente na Escola Nacional de Belas Artes, baseado em uma rígida disciplina e tendo as aulas de desenho como espinha dorsal. (GOMES *et al*. 2012. p. 34)

Antes da criação do IBA, a formação artística funcionava por meio dos ateliês, tanto de artistas nacionais quanto estrangeiros. Susana Gastal (2007, p. 33) divide a constituição do sistema regional das artes plásticas em duas partes: a primeira até 1890 e a segunda de 1890 até 1920. Na primeira etapa se destaca o crescimento de Porto Alegre como um centro regional importante e a chegada massiva de imigrantes europeus no estado. A partir de 1890 há a consolidação de uma burguesia local promovida também pela ideia de modernidade.

A partir de 1920 novos debates sobre arte surgem, porém com pouca adesão no estado. De acordo com Maria Lúcia Bastos Kern (2007) “O modernismo no Rio Grande do Sul emerge nas décadas de 1940 e 50, em meio à discussão entre o acompanhamento das artes internacionais e

nacionais e/ou à manutenção das representações simbólicas regionais”. Essa resistência ao modernismo entrou em declínio após o Salão de Outono⁸, de 1925, quando artistas de outros estados saíram do centro do país para consolidar suas carreiras em Porto Alegre (BOHNS, 2005, p. 324).

Uma das personalidades a problematizar a rígida estrutura das práticas artísticas no sul foi o artista e crítico de arte Angelo Guido (1893-1969), partindo de uma conferência ministrada por ele em Porto Alegre intitulada “Arte Moderna”⁹. Na visão de Guido, o artista deveria ter liberdade e uma consciência de totalidade (SILVA, 2002).

Ser artista é encontrar o infinito dentro de si e viver na própria vida interior, como se o Universo fosse a expressão fulgurante do nosso Eu e as coisas e as aparições fugazes de um sonho interminável. (GUIDO, *apud* SILVA, 2002, p. 135)

A partir da década de 1930 algumas mudanças significativas ocorreram no Instituto Livre de Belas-Artes, uma delas foi a alteração do nome para Instituto de Belas Artes após a integração à Universidade de Porto Alegre. Em 1936, sob direção de Tasso Corrêa (1901-1977) o IBA passou também por mudanças curriculares, tendo como modelo a Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. A nova direção também contratou professores como Ernani Corrêa (1901-1982), para ministrar arquitetura analítica, e Angelo Guido, para ministrar aulas de história da arte.

Um contraponto na questão de “aceitação” do modernismo, conforme apresenta Kern (2007) foi o artista Carlos Scliar (1920-2001). Além de um dos fundadores da Associação Francisco Lisboa - AFL, foi um importante ilustrador e gravurista atuante em Porto Alegre. Em suas obras se destacam temáticas sociais com ênfase na expressividade, gerando desconforto nos demais artistas e críticos da época, pois parecia contestar os padrões estéticos estabelecidos. Kern apresenta como era a relação de alguns professores do IBA com a modernidade refletida em suas obras, logo nos apresenta um panorama dos debates na época:

Os docentes, tais como Angelo Guido, Luis Maristany de Trias e Benito Castañeda, trabalham fora do ateliê, junto ao tema, revestindo o desenho com cores luminosas e pinceladas gestuais que deixam as marcas do artista na tela. Apesar destes artistas fixarem, em geral, a atenção nas

⁸ O Salão de Outono aconteceu entre 24 de maio e 26 de julho de 1925. Participaram do salão artistas como Judith Fortes (1896–1964), José Lutzenberger (1882–1951), João Fahrion (1898-1970), Fernando Corona (1895-1979), Antônio Caringi (1905-1981), Francis Pelichek (1896-1937) e Pedro Weingärtner (1853-1929), (GOMES, 2012, p.177-178).

⁹ Para Guido, o modernismo ocupava uma posição nacionalista e seria considerado superior aos regionalismos. No texto *A emergência da arte modernista no Rio Grande do Sul*, Kern (KERN, 2007) aponta que este pensamento similar era difundido pelo grupo paulista Verde-Amarelo.

Figura 3 - Ficha de matrícula no Instituto de Belas Artes de Ernesto Scheffel, 1943

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS.

Finalizando o segundo ano em estudo de modelagem, Scheffel teve o relevo *Dois Amores* (1944) escolhido como o melhor daquela turma. As obras produzidas pelos alunos naquele ano foram apresentadas na Exposição de Belas Artes, realizada pelo IBA com os alunos de pintura, desenho, arte decorativa, arquitetura analítica, escultura e modelagem. Aos 17 anos também recebeu um troféu de estímulo como aluno aplicado. Mesmo com grande timidez, Scheffel se destacou em suas produções ainda em formação.

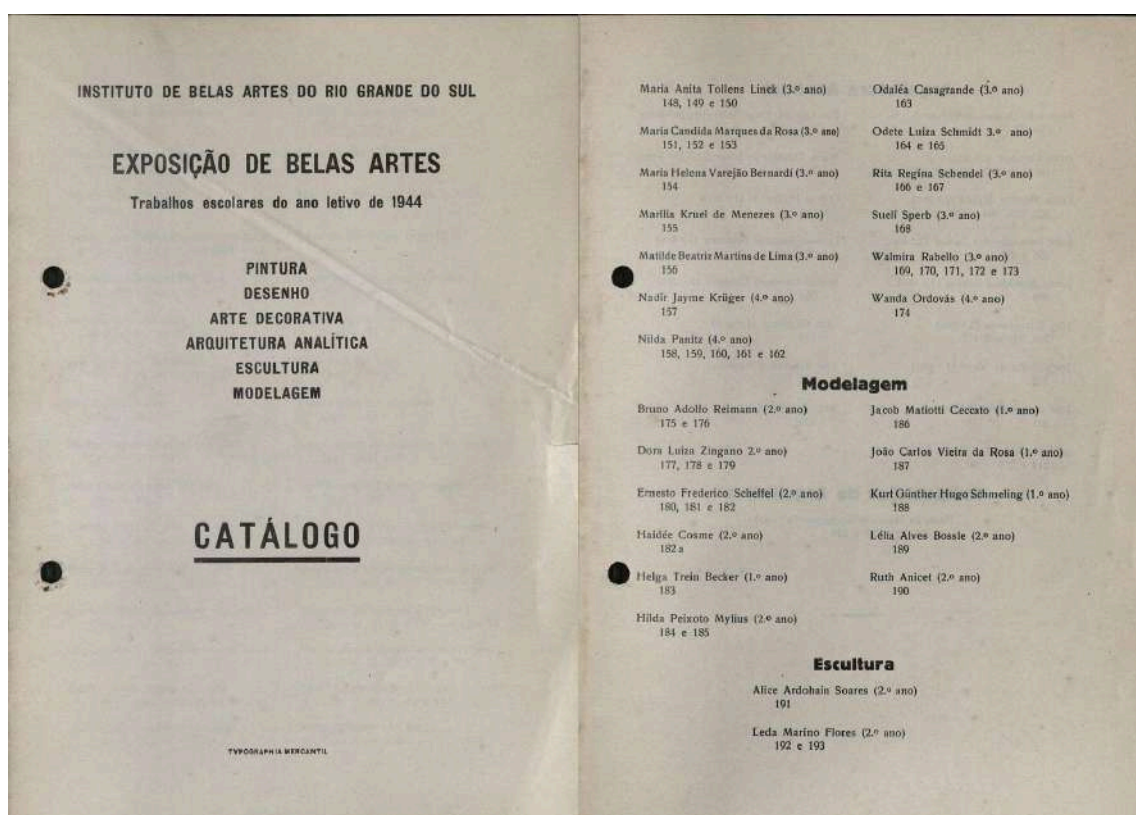


Figura 4 - Catálogo: Exposição de Belas Artes do ano de 1944

Trabalhos escolares dos alunos do IBA

Fonte: Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS.

Scheffel se formou no IBA em 1946 e até este ano não havia na escola o estudo com modelo-vivo consolidado. Tentativas anteriores falharam, pois não era moralmente adequado para as moças que ali estudavam. Neste ano, juntamente com o professor João Fahrion, Scheffel esteve

na presença do diretor Tasso Corrêa, onde foi acordada a criação de uma sala, frequentada pelos alunos de maneira opcional com modelo-vivo (SCHEFFEL, 2013).

Sobre sua produção durante os estudo no IBA, descreve:

A minha produção pictórica no Instituto de Belas Artes é, querendo comparar, menor do que a produção espontânea, realizada durante as longas férias de verão em Hamburgo Velho. O que sobressai no período é a qualidade no desenho e o ecletismo nos temas. (SCHEFFEL, 2013, p. 24)



Figura 5 - Dois Amores, 1944

Relevo em Gesso, 31 x 30,5 cm
Acervo Fundação Ernesto Frederico Scheffel, Novo Hamburgo - RS

Ao final de 1946, quando estava concluindo o curso no IBA, Scheffel realizou o exame para o Serviço Militar Obrigatório. Como não passou na parte teórica da seleção, no ano seguinte precisou servir. Nesta ocasião, além de cumprir com suas obrigações militares cotidianas, também realizava trabalhos gráficos para o 3º Batalhão de Engenharia do Parthenon, em Porto Alegre. No final daquele ano, recebeu uma proposta do seu comandante, Major Sotto Maior, que lhe abriria muitos caminhos:

Apresentou-me a proposta de representar como militar o Rio Grande do Sul no II Salão Militar de Artes Plásticas, no Rio de Janeiro, antes de dar a minha baixa. O Salão seria realizado no Clube Militar, da avenida Rio Branco, próximo à Biblioteca Nacional e ao Museu Nacional de Belas Artes, do qual era diretor o magnífico pintor carioca Oswaldo Teixeira – seu nome fora mencionado pelo meu ex-mestre João Cândido Canal, que o conheceu quando de sua passagem pelo Rio de Janeiro, vindo dos Estados Unidos. (SCHEFFEL, 2013 p. 32).



Figura 6 - 3º Batalhão de Engenharia em Marcha, 1947

Bico de Pena, 18 x 32,4

Acervo Fundação Ernesto Frederico Scheffel, Novo Hamburgo - RS



Piazzale degli Uffizi - Óleo sobre tela - 95 x 75cm - 1964 - Ernesto Frederico Scheffel - Acervo FEFS

2. O ARTISTA: De Hamburgo Velho à bela Itália

Durante o período de formação de Scheffel como estudante da Escola Técnica Parobé e do Instituto de Belas Artes, a dinâmica era a seguinte: durante a semana permanecia em Porto Alegre, onde cumpria pela manhã o currículo no IBA e no restante do dia estudava na Escola Técnica Parobé, que funcionava em regime de internato. Em seus relatos, Scheffel diz que nos finais de semana se dedicava a produções próprias, que muitas vezes fugiam dos pincéis. Na década de 1940 sua família se mudou para o bairro Hamburgo Velho, onde posteriormente cumpriria um papel importantíssimo no processo de tombamento do centro histórico de Novo Hamburgo.

Scheffel partiu para o Rio de Janeiro em 1950, onde já havia estreitado laços com Oswaldo Teixeira durante a participação do II Salão Militar, que o levou à medalha de prata e bons comentários da crítica, como podemos ver em uma nota no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, do ano de 1948, sem autoria:

NOTAS DE ARTE

II Salão Militar de Artes Plásticas — (IV) - Conforme ontem dissemos, vamos falar hoje sobre os trabalhos do cabo Ernesto Frederico Scheffel, no II Salão Militar de Artes Plásticas, aberto no Club Militar. Iniciaremos com o “Combate Poncho Verde”, em que sobressai logo o movimento em que o artista soube imprimir às figuras e aos cavalos. O arrojo da composição desse estudo, que evidentemente o é, revela o grau de inspiração e a capacidade técnica que possui para obras de fôlego. As figuras estão proporcionadas com a anatomia estudada, sendo que os pormenores são pegados em síntese sem minúcias. O colorido é vivo, dando uma ideia do que poderão ser as cores no trabalho definitivo. A plástica e as expressões são bem obtidas. Os cavalos estão em posições difíceis, alguns aparecem até saltando, quase no ar. O equilíbrio é bem obtido, de ambos os lados da tela, e a composição é bem fechada no primeiro plano, com aquelas figuras caídas, dando ao todo uma boa construção. É um pano de amostra de um artista que está começando de um ponto bem adiantado no currículo, pois traz em si os germes atávicos e inatos de um grande futuro, que realizará, não temos dúvida, se prosseguir pela estrada, por que vai, que é a mesma que trilharam os maiores pintores e os nomes mais respeitados da humanidade nesse sector. [...] As outras telas da autoria do Sr. Scheffel são também promissoras revelações: “Silêncio da mata”, “Praça da Matriz”, com bom desenho, boas cores, verdes bem variados e combinados harmoniosamente. Ótimo, com plástica e expressão, o auto retrato, executado com simplicidade e bastante síntese. Ótimo também “Natureza Morta”, com boa composição, boa construção e cores agradáveis, assim como “Rio Guaíba”, com amplitude e boa vista de conjunto. [...] Dentre seus concorrentes, destaca-se o jovem cabo Scheffel, que com seus vinte anos (cremos nós) é uma força já em desenvolvimento.” (NOTAS, 1948, p. 5) [SIC]

Sua jornada artística ganhou reconhecimento no Salão, conforme consta no recorte da crítica. A análise detalhada das obras expostas evidencia não apenas o talento técnico e expressivo do artista, mas também sua capacidade de transmitir movimento, harmonia e profundidade em suas composições. Destaca-se a habilidade de Scheffel em capturar a anatomia das figuras, a vivacidade das cores e a harmonia das formas. A crítica não apenas elogia as obras apresentadas, mas também reconhece o potencial de Scheffel como um artista em ascensão, destacando-o entre seus concorrentes e prevendo um futuro promissor em sua carreira. Esse reconhecimento precoce do talento de Scheffel no cenário artístico evidencia sua habilidade e dedicação à arte desde os primeiros anos de sua jornada artística. Durante a estadia no Rio de Janeiro, com bolsa cedida pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul em 1950, foi aprendiz de Teixeira¹⁰.

Em 1951, Scheffel realizou sua primeira exposição¹¹ no Museu Nacional de Belas Artes, com trabalhos produzidos no sul¹². Neste mesmo ano concorreu no Salão Nacional de Belas Artes com a obra *Meditação* (1951), onde retrata uma mulher de mais idade sentada em uma sala ricamente ornamentada. Com a mão direita ela folheia um livro, que está apoiado no divã. Ao lado está um alaúde e abaixo, no chão, um cachorro de porte grande dorme tranquilamente. A modelo era Laura de Souza Mendonça, que posou diversas vezes para Scheffel na década de 1950. Com esta participação ele recebeu a Grande Medalha de Bronze, pré-requisito para o Prêmio de Viagem, o mais cobiçado do Salão.

Meditação (Figura 7) chegou ao Salão Nacional para dar um primeiro destaque ao artista. É uma composição sóbria, que evidencia a habilidade no desenho e na perspectiva. A decoração de fundo da cena é um painel ornamentado com motivos vegetais e uma ruína grega, nos lembrando de que Scheffel é um artista que, embora beba das fontes do simbolismo, realismo e romantismo, tem sua obra calcada em referências dos mestres do renascimento – ve-se pelas dobras do tecido que cobre parte da figura principal feminina. *Meditação*, como já sugere o título da obra, é uma cena do cotidiano, um momento de reflexão, quem sabe após a leitura do livro que está apoiado no divã.

¹⁰ Durante a mostra do II Salão Militar, Scheffel visita Oswaldo Teixeira e apresenta alguns estudos ao pintor. Teixeira escreve ao Governo do Estado do RS que se o jovem pintor for bem guiado, poderá produzir muito, pois já era possuidor de talento e vocação. Posteriormente Scheffel recebe uma bolsa para estudar por seis meses no RJ, sendo aprendiz de Teixeira.

¹¹ Sobre esta exposição, Scheffel comenta que “é uma primeira mostra no Rio de Janeiro, em que se revela o meu ecletismo difuso, em tudo que realizo, devido a uma inquietação formal de pesquisa e de autocrítica. (SCHEFFEL, 2013, p. 49).

¹² Durante o período em que a exposição esteve aberta ao público, a crítica e poeta Célia de Góes, que escrevia para o jornal Diário Carioca, escreveu um artigo intitulado “*Scheffel, o pintor gaúcho*”, onde tece muitos elogios ao jovem artista (SCHEFFEL, 2013, p. 49). As obras que mais lhe chamaram atenção são *O suicida* (1950) e *Promessa enigmática* (1949). Posteriormente, estreitou laços com o artista e publicou outras críticas no mesmo jornal.



Figura 7 - Meditação, 1951

Óleo sobre tela, 158,5 x 198,5 cm
Acervo Fundação Ernesto Frederico Scheffel, Novo Hamburgo - RS

Diferente de 1951, o ano seguinte trouxe provocações inusitadas para a tímida personalidade de Scheffel. Ele teve a obra *Rixa Gaúcha* (1952) recusada por suas dimensões, problema que seria facilmente resolvido com a remoção do *passé-partout* na moldura, como sugeriu. A recusa da obra pelo júri desencadeou uma série de eventos notáveis, culminando na participação de um grupo de artistas no “Salão dos Recusados”¹³ ou 1º Salão Livre de Belas Artes que ocorreu em resposta ao salão oficial. Com esta participação foi premiado, consolidando sua presença no cenário artístico brasileiro e provocando uma série de manchetes que ecoavam a perplexidade diante da recusa de sua obra.

O artista transitou por muitas temáticas ao longo de sua carreira, e uma delas, talvez a mais conhecida, foi a de representação da cultura regional, incluindo memória folclórica

¹³ O nome faz referência ao *Salão dos Recusados* que aconteceu em 1863, na França, em oposição ao Salão de Paris. Na mostra foram expostas as obras recusadas pelo salão oficial, e dentre o grupo de artistas recusados estava Édouard Manet (1832-1883 e Paul Cézanne (1839 - 1906).

sul-rio-grandense e aquela influenciada pela herança germânica, herdada de sua família e compartilhada entre amigos e vizinhos de Hamburgo Velho. Em *Rixa Gaúcha* (1952), pintada parte em Novo Hamburgo e parte no Rio de Janeiro, observamos uma cena de briga com sete personagens. No centro, duas figuras mais velhas estão envolvidas em um confronto físico, enquanto um homem mais jovem, de poncho amarelo e chapéu, se une à situação. Um menino com chapéu de palha segura um cão agitado. À direita, próximo a um fogo de chão, duas figuras observam atentamente: uma jovem, que segura sua sombrinha e um jovem negro com um violão, que possivelmente animava a festa com sua música. À esquerda, um homem caído segura uma faca ensanguentada, com o rosto voltado para longe da cena principal. O episódio sugere uma grave briga entre o rapaz caído e o senhor, que está sendo segurado.



Figura 8 - Rixa Gaúcha, 1952

Óleo sobre tela, 194 x 454 cm
Acervo Fundação Ernesto Frederico Scheffel, Novo Hamburgo - RS

Esta obra, além de demonstrar grande capacidade técnica do artista, tanto com relação a construção da composição como habilidades para trabalhar em grandes dimensões, também evoca algumas memórias importantes para o processo de criação dela, conforme relata em sua autobiografia, com a participação de João Cândido Canal e Paixão Côrtes¹⁴.

¹⁴ João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes (1927-2018) foi um grande folclorista e pesquisador gaúcho nascido em Santana do Livramento. Em 1948 fundou o primeiro CTG - Centro de Tradições Gaúchas, que buscava resgatar tradições sulistas, principalmente ligadas ao homem e à mulher do campo. Paixão Côrtes foi também agrônomo, cantor e compositor e influenciou gerações com sua proposta de levar a tradição gaúcha para fora do Rio Grande do Sul.

É a imaginação que nos leva a cumprir as tarefas para as quais já nos sentimos preparados. Somado a essas circunstâncias, deve-se dar destaque a uma coincidência singular. Meu ex-professor João Cândido Canal contactou Paixão Côrtes, quando esse jovem pesquisador estava em vias de criar uma associação para valorizar o folclore rio-grandense. A reação foi imediata. Paixão Côrtes apareceu na residência dos meus pais, em Hamburgo Velho, carregando duas malas de couro repletas de indumentária e apetrechos autênticos de gaúcho. Não perdi a ocasião, retratei Paixão Côrtes em uma das figuras centrais da composição já esboçada, de chapéu preto, completando esse histórico encontro de dois jovens idealistas. *Rixa Gaúcha* é um acertamento de contas entre um velho e um jovem — “estabilidade e instabilidade”. O jovem ferido, psicologicamente, assemelha-se ao Arlequim do meu quadro *Noite de Máscaras*, feito seis anos antes. Como livre escolha, não explica se o jovem está sendo eliminado – deixa a solução ao espectador. (SCHEFFEL, 2013, p. 56).

É importante ressaltar que naquele período a cena artística brasileira, principalmente do eixo Rio-São Paulo, estava sendo marcada pela difusão de um pensamento de vanguarda (COUTO, 2019) que se opunha ao movimento modernista brasileiro, calcado em uma unidade nacional. O abstracionismo ganhava força, juntamente com debates acalorados acerca do concretismo e neoconcretismo. Em 1951, a Bienal de São Paulo foi inaugurada e se tornou o maior evento de projeção internacional do país, promovendo discussões sobre a arte contemporânea. Scheffel, mesmo desvinculado desses movimentos, permanecendo ligado à figuração e às tradições acadêmicas, capturou a atenção da crítica da época. Sua presença foi marcada pela notável habilidade técnica e pela maestria na construção de composições, mesmo em meio a um contexto artístico que se movia em outras direções.

Nas décadas de 1940 e 1950, Scheffel também se voltou muitas vezes a uma produção de caráter intimista e simbólico. Com pinceladas fluidas e uma paleta mais fechada, é possível perceber que havia um predomínio do interesse do artista em expor suas percepções e visões do mundo, através de cenas subjetivas ou misteriosas. Percebemos isto na obra *O despertar da adolescência* (1953), e *O suicida* (1950). Esta última chamou atenção da crítica Célia de Góes, que escreveu no *Diário Carioca* em 1951:

SCHEFFEL, O PINTOR GAÚCHO

[...] Parece-nos, entanto, que o transcendental domina seu temperamento e é, no momento, a expressão máxima de sua obra. Tão marcadamente se destaca, na atual exposição, o 1º quadro que se encontra logo à entrada, à direita, quer pelo tema, quer pela concepção, quer pelo colorido, que a princípio, julgamos que a coleção de quadros era de mais de um autor. Não tinha nome, nem número, nem nada que o identificasse. Duas figuras alegóricas se destacavam da tela: uma mulher, nua da cintura para cima. As grandes asas e a túnica negra que lhe envolvia a parte inferior do

corpo, faziam pensar num personagem mitológico. A outra figura, despida totalmente, de varão, saltara um precipício sem fim e lhe viera ao encalço: adiante deles, como uma gruta, onde degraus conduziam para as profundezas... O plano que separava as duas margens, (penhascos) era o azul do firmamento esplendidamente emoldurado, com uma garganta... Quedei maravilhada, a ver se decifrava. O que significa o quadro? Perguntei: não souberam me responder. (GOÉS, 1951, p. 8)



Figura 9 - O Suicida, 1950

Óleo sobre madeira, 84,3 x 54,2 cm
Acervo Fundação Ernesto Frederico Scheffel, Novo Hamburgo - RS

Evidenciando mais uma vez sua pluralidade de linguagens e técnicas, no mesmo período o artista iniciou um de seus grandes trabalhos. *Hecatombe* (1952 - inacabado) aborda um tema mitológico, já recorrente em suas obras. O termo "hecatombe" tem sua origem na Grécia Antiga e significa um grande sacrifício aos deuses, em seu sentido literal quer dizer a morte de muitas vítimas. Levando em consideração o cenário político no momento da realização da obra, percebe-se que ele refletiu na escolha do tema de Scheffel, pois de acordo com o que o pintor deixou por escrito, esta pintura faz referência aos conflitos políticos da época, principalmente relacionados à então recente Segunda Guerra. Usando como inspiração o sacrifício aos deuses, Scheffel faz uma crítica à guerra e a seus produtos, pois naquele momento, pós Segunda Guerra e início da Guerra Fria, vivia-se com uma constante sensação de medo e ameaça de um conflito nuclear entre as duas grandes potências mundiais (HOBSBAWM, 1995).

Sobre esta obra, Scheffel escreve que os jovens que participavam na linha de frente desses conflitos eram sacrificados por deuses da guerra, ou como ele mesmo coloca, por uma “organização bárbara e hipócrita que submete a humanidade pelo terror” (SCHEFFEL, 2013, p. 66). O pintor também faz uma analogia aos carneiros que eram sacrificados aos deuses e finaliza a reflexão dizendo que durante todo o desenvolvimento da humanidade homens sacrificaram homens.

Scheffel realizou este trabalho na Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo, porém teve que interromper a produção, pois foi convidado a se retirar do espaço em que o painel ficaria. O motivo parece claro, embora o pintor não tenha falado muito mais como aconteceu, a abordagem e a temática escolhida não agradaram quem estava à frente da administração do local na época. Ele foi informado que aquele local seria destruído para dar lugar a um estacionamento, porém a demolição não aconteceu. Sendo assim, a tela foi imediatamente enrolada e conservada na casa de seus pais.



Figura 10 - Hecatombe, 1953 (inacabada)

Óleo sobre tela, 618 x 282 cm
Acervo Fundação Ernesto Frederico Scheffel, Novo Hamburgo - RS

Para além dos aspectos históricos, a composição da obra rouba a atenção do espectador, principalmente por suas dimensões. Nela, Scheffel explora o drama da visão trágica da guerra e seus produtos utilizando o claro-escuro para compor as figuras em diagonais com movimentos violentos. Infelizmente *Hecatombe* ficou inacabada e o motivo pelo qual o pintor não terminou a obra não é colocado em seus textos. Mesmo sendo uma pintura a óleo belíssima e intrigante, ainda

é possível sentir falta de algo. Pinceladas perdidas e tons extremamente claros que destoam do restante da pintura acabam deixando evidente que algo não está no lugar. Apesar disso, ela permanece sendo uma das mais relevantes do artista, realizada em sua fase já madura na pintura.

Enquanto tentava incansavelmente o prêmio de viagem do Salão Nacional de Belas Artes, Scheffel realizou exposições individuais e coletivas com suas produções da época. Em 1956, as análises perspicazes de H. Pereira da Silva delinearam a singularidade de Scheffel, como atestam suas palavras:

FORMAS E CORES - FREDERICO SCHEFFEL

O convite dizia: “Espero que você venha à minha exposição. Não se trata de trabalhos comerciais”. Fomos. Realmente a advertência do pintor era desnecessária. Frederico Scheffel se pintasse para vender abriria falência artística. Quadro para ele é coisa distinta de mercadoria a varejo ou a domicílio. Nem poderia ser de outra forma. Artista na acepção do vocabulário está ali. Temperamento tímido no trato pessoal, revela-se audacioso, atrevidamente corajoso quando pinta. Suas telas — simbolistas na maioria — psiquicamente explicam os mistérios da sua alma. Scheffel, embora acadêmico, não se limita a “fotografar” as coisas exteriores mesmo porque ele prefere transpor para a tela as suas visões anteriores. É dos poucos vivos que alia técnica e imaginação num propósito só. Sua pintura contrasta de modo surpreendente com a sua individualidade. Retraído, calado, ruborizado ao mais leve termo licencioso, solitário, em suma, um caramujo social. Transfigura-se na arte. (SILVA, 1956, p. 4).

A crítica de Silva começa com a observação sobre a advertência do pintor de que sua exposição não era voltada para o comércio. A afirmação é reconhecida como verdadeira pelo crítico, que destaca a incompatibilidade da arte de Scheffel com o mercado da época. O comentário sobre a distinção entre quadro e mercadoria sublinha a abordagem singular do artista para a pintura. A caracterização de Scheffel como um "caramujo social" que se transfigura na arte é especialmente intrigante, sugerindo uma transformação profunda quando imerso no processo criativo.

[...] A dimensão das suas composições dão, logo de início, uma ideia das grandezas adormecidas no seu subconsciente. São mais painéis do que pintura de cavalete. Há mesmo, talvez pelo desenho, certa semelhança em diversos deles, com Pedro Américo. As batalhas de Scheffel, porém, não contam feitos épicos, patrióticos, históricos. São diferentes da batalha do “Avai”. Elas narram acontecimentos íntimos, frustrações, esperanças, fé e incertezas de uma sensibilidade em luta com a realidade..

Frederico Scheffel, sente-se isso ao se comparar sua arte com seu comportamento, vive numa atmosfera onírica: sonha quando pinta. Daí aquele elemento estranho, enigmático, que parece habitar na sua palheta. Mensagens à espera de compreensão, cada quadro deste artista requer interpretação e não julgamento.

A pintura de Frederico Scheffel é moderna, mas veste trajes passadistas. guardada a devida distância, é como se Picasso retrocedesse ao academicismo. O espírito e a forma às vezes divergem. No caso presente é o que sucede. Dia chegará talvez em que essa divergência desaparecerá. A evolução possui razões que o artista desconhece. Essa paráfrase de uma máxima de Pascal confirma-se a todo instante. E cremos, não falhará aplicada à pintura de Scheffel. (SILVA, 1956, p. 4).

A análise das composições de Scheffel deixa clara a visão do crítico: o artista possui uma abordagem única da arte como expressão de sensibilidade e experiência interior. Finaliza sua análise destacando a dualidade nas suas obras e confiança nos rumos que ela poderá tomar.

2.1. O Salão Nacional de Belas Artes

Scheffel permaneceu por nove anos no Rio de Janeiro, e durante este período seu foco foi no Prêmio de Viagem do Salão Nacional de Belas Artes. O evento acontecia nas dependências do Museu Nacional de Belas Artes e teve seu surgimento em 1840, com a primeira Exposição Geral de Belas Artes no Brasil. O prêmio, tão cobiçado, era uma bolsa de dois anos para estudos no exterior. Sobre a importância dos Salões — Belas Artes e Moderno¹⁵ — a historiadora e crítica de arte brasileira Ângela Ancora da Luz, escreve:

O salão propiciava a oportunidade para todo e qualquer artista, independente da situação econômica que tivesse, poder se aperfeiçoar nos principais centros de produção artística na Europa. A cada ano, a emulação entre os concorrentes ajudava o despertar de novos valores para a arte brasileira. Como as obras premiadas ficavam para a coleção da Academia, depois Escola Nacional de Belas Artes, e que, em 1937, no governo de Getúlio Vargas, deu origem ao acervo do Museu Nacional de Belas Artes, temos, ainda, a grande contribuição dos salões para a formação e ampliação desse acervo notável de nosso museu. (DA LUZ, 2006, p. 60)

Em 1956, Scheffel apresentou ao salão três obras: *O retrato de Julia* (1956), cuja modelo foi sua aluna particular de pintura, *O Signo da Balança* (1956), um autorretrato intrigante, ao qual

¹⁵ Em 1940 o Salão se divide em dois segmentos, abrangendo Belas Artes e Arte Moderna. Apenas em 1951 a divisão Moderna integrará um evento à parte, se constituindo no Salão de Arte Moderna, finalizando em 1976 para dar origem ao Salão Nacional de Artes Plásticas. (DA LUZ, 2006).

falarei mais adiante, e *Hamburgo Velho* (1956). Esta última tela foi realizada em Novo Hamburgo e tem como modelo Lia, a irmã mais nova de Scheffel, e seu sobrinho Doralvo. A composição se passa no quintal da casa dos pais de Scheffel e traz as memórias de infância do artista. À esquerda, ocupando quase metade da tela, há um forno, que assume protagonismo no espaço, sobre ele o artista relata que “A pequena construção servia à nossa mãe Hilda para produzir o pão nosso de cada dia, algumas ‘roscas de polvilho’ e um bolo para o fim de semana” (SCHEFFEL, 2013).



Figura 11 - Hamburgo Velho, 1956

Óleo sobre tela, 290 x 138,5 cm

Acervo Fundação Ernesto Frederico Scheffel, Novo Hamburgo - RS

Já em 1957, decidiu participar com um tríptico, deixando ainda mais evidente sua pincelada calcada em um estudo pautado nos padrões acadêmicos da arte. O tríptico é composto, da esquerda para a direita, por *O culto da Natureza*, *Criação* e *O Conhecimento da Natureza*, todos datados de 1957. A obra possui uma tensão erótica. O casal, em primeiro plano, está de costas para o espectador, ambos nus. Ele repousa sobre ela. Ao fundo, bem ao centro da composição, duas figuras femininas dançam, uma serve de apoio para a outra. Roubando a atenção do espectador, à direita está um autorretrato totalmente nú do artista. Relata em sua autobiografia que foi aconselhado a cobrir seu órgão genital, ou correria o risco de ser recusado pelo júri, e assim o fez.

O lado esquerdo quer mostrar a nossa capacidade de integração na natureza pelo sentir e conhecer. O painel central parte do mito coletivo do amor e sua ritualização, em função da procriação humana. A

criança, no ponto central, é a única figura que não participa da trama dos adultos. Ela é a imagem da interrogação, do porquê sem resposta aos semoventes da natureza, limitados à sua própria categoria. [...] O lado direito é mais um autorretrato, inteiramente nu, em que considero a figura humana o universo mais importante a ser explorado, tanto pela arte quanto pela ciência. (SCHEFFEL, 2013, p. 82)



Figura 12 - Tríptico: O Culto a Natureza - Criação - O Conhecimento da Natureza, 1957

Óleo sobre tela, 500 x 200 cm
Acervo Fundação Ernesto Frederico Scheffel, Novo Hamburgo - RS

A participação no salão daquele ano foi polêmica. O júri era composto por Angelina Agostini (1888-1973), Alfredo Galvão (1900-1987) e Heitor de Pinho (1897-1968). Angelina atestou que Scheffel era merecedor do prêmio, no entanto Alfredo e Heitor julgaram “pornográfica” a obra. O caso foi parar no jornal Última Hora, com título: “Nem escola clássica, nem escola moderna: predomínio do ‘nú artístico’ no LXII Salão de Belas Artes”.

O LXII Salão de Belas Artes, inaugurado a 16 do corrente, está sendo intensamente visitado. Além dos apreciadores de arte e artistas, grande número de estudantes e senhores de certa idade tem mantido desusado movimento nos corredores do Museu. É que este ano proliferaram os trabalhos de nú artístico, o que atrai natural curiosidade do grande público, uma vez que o Rio de Janeiro não possui um “*Moulin Rouge*”. (NEM, 1957, p. 7)

A crítica revela o impacto causado pela presença de obras de nu artístico no Salão. O texto destaca o aumento da visitação ao museu, especialmente por parte de estudantes e pessoas de mais idade, atraídos pela intensa presença dessas obras. Ao mencionar a falta de um “*Moulin Rouge*” no Rio de Janeiro, a crítica sugere que o salão proporcionou uma experiência única de contemplação

e discussão em torno do tema do nu artístico, que despertou curiosidade e debate entre o público. Essa abordagem contextualiza a polêmica em torno da participação de Scheffel no salão daquele ano, ressaltando a reação diversificada dos membros do júri e a controvérsia em torno da aceitação dessas obras na cena artística da época.

Finalmente, em 1958, Scheffel conquistou o prêmio principal, porém com algumas polêmicas envolvidas. Ele participou do salão com duas obras, *Caramuru-Guaçú* (1958) e *Jerônimo* (1958). O júri era composto por Nelson Netto, Humberto Cozzo (1900-1981) e Salvador Pujals Sabaté (1898-1965), sendo este último o defensor de Scheffel. De acordo com os relatos do artista (SCHEFFEL, 2013, p. 90) Cozzo e Netto possuíam certa desavença com Oswaldo Teixeira, o grande mestre de Scheffel. Em contrapartida, uma das obras apresentadas no salão não foi tão bem recebida pela crítica:

Há quem diga que o prêmio irá para o senhor Euclides Santos, embora exista quem deseje vê-lo atribuído a um pavoroso trabalho do pintor Scheffel, representando índios, numa praia, embasbacados com o tiro de Caramuru... (LEITE, 1958, p. 25)

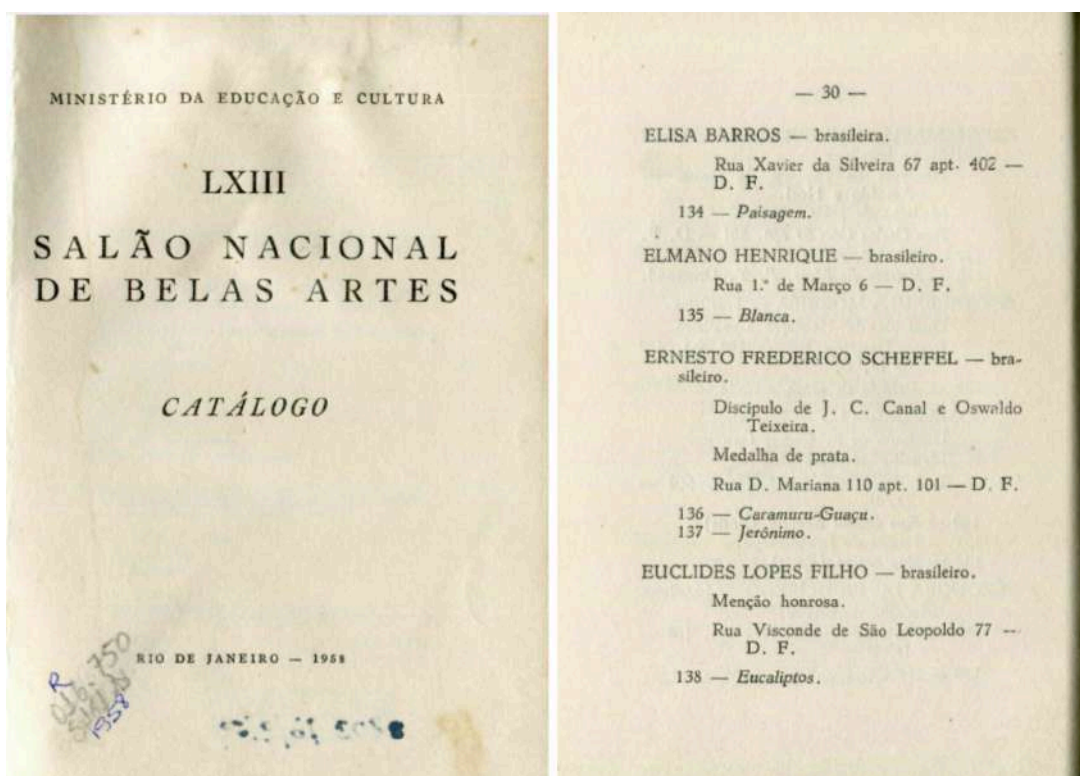


Figura 13 - Capa do catálogo do LXIII Salão Nacional de Belas Artes e página correspondente às obras enviadas por Scheffel.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Machado de Assis: <http://biblioteca.in.gov.br/fi/web/guest/inicio>. Acesso em: 15 Jan. 2024

O pintor Salvador Pujals Sabaté declarou, em outubro de 1958 ao jornal O Globo sua insatisfação:

Desde o início, concordamos com a adoção de características mais atualizadas (não modernizada) no Salão. No momento das premiações, notei que um dos membros do júri procurava dar sentido moderno ao certame. Combinamos então que as premiações seriam outorgadas pelos três votos. Quando chegamos ao prêmio mais importante, o de viagem ao exterior, notei que havia trabalho preparado em favor de certo pintor, preterindo Frederico Scheffel, incontestavelmente o que mais merece o prêmio. É o único que, no momento, tem todas as credenciais de artista (insisto nessa palavra artista). O bloqueio ao seu nome é uma investida do modernismo, anulando a pintura clássica. Como os dois pintores tem seus quadros na mesma sala, o público que julgue. (O CLÁSSICO, 1958, p.6).

Sabaté percebeu a situação como uma investida do modernismo no Salão. Ele entendeu o bloqueio ao nome de Scheffel como parte dessa tendência, destacando uma oposição entre a pintura clássica, representada por Scheffel, e as características mais modernas que estavam sendo favorecidas¹⁶.

Embora, de maneira geral, o conflito se desse por questões relacionadas a escolhas conceituais e ideológicas da arte, na concepção de Scheffel ela ia mais além. Recorda (SCHEFFEL, 2013, p. 92) que em 1956 Cozzo havia lhe convidado para frequentar seu ateliê de escultura, porém Scheffel o ignorou, ao que tudo indica, não de maneira proposital. Além disso, o fato de ser aluno Teixeira também não poderia ser excluído, pois Cozzo e Teixeira possuíam conflitos passados.

¹⁶ Salvador Pujals Sabaté foi votado como representante dos artistas no júri. Os artistas se reuniam previamente na Sala de Audiências do Museu Nacional. Decreto N° 25.704, de 22 de outubro de 1948.



Figura 14 - Caramurú-Guaçú, 1958

Óleo sobre tela, 196,5 x 368,5 cm
Acervo Fundação Ernesto Frederico Scheffel, Novo Hamburgo - RS

A obra escolhida pelo júri, após comum acordo, foi *Jerônimo* (1958). Ela retrata a figura de Jerônimo Fleury, um trabalhador do MNBA que auxiliava na montagem das exposições. A obra não conta com grandes elementos, porém exprime toda a técnica do artista. Jerônimo é retratado de pé, possui olhar altivo, a mão esquerda repousa sobre o cinto, enquanto a direita mantém de pé um quadro. Com ele, Scheffel inaugura sua jornada internacional, que se estende para além dos dois anos de bolsa do Governo Federal. Foram novas influências e descobertas que transformaram a vida do artista e, conseqüentemente, suas linguagens.



Figura 15 - Jerônimo, 1958

Óleo sobre tela, 200 x 100 cm
Acervo Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro - RJ

2.2. Em terras estrangeiras

Deixando o Brasil pela primeira vez, Scheffel partiu para a Europa em maio de 1959. Foi aconselhado a não ir direto para a Itália, mas a conhecer galerias e museus dos países ao redor, e

assim o fez. Neste período sua produção artística era majoritariamente desenhos em pequenas dimensões retratando espaços públicos. Em outubro chegou a Florença e pela primeira vez pode ter seu ateliê¹⁷. Sobre sua chegada, escreve que “Estava consciente de encontrar-me na cidade culturalmente mais intrigante e rica de mistérios para um artista do mundo ocidental” (SCHEFFEL, 2013, p. 99).

Scheffel se matriculou no curso de escultura da Academia de Belas Artes de Florença, na turma do professor Antonio Berti (1904-1990), neste momento percebe-se em sua produção grande interesse na experimentação de novas técnicas e na exploração da criatividade que flui com maior naturalidade. Durante a década de 1950 havia centralizado todas as forças para a pintura, no intuito de receber o maravilhoso Prêmio de Viagem ao Exterior. Em 1960, com vínculo ao Consulado Brasileiro, conheceu a família de Pedro Américo¹⁸, grande inspiração para Scheffel. Em 1965 realizou sob encomenda do Consulado sua primeira obra pública em Florença, a efígie de Pedro Américo, em bronze. Em 1987 Berti escreveu sobre Scheffel:

Ernesto Frederico Scheffel possui um *curriculum vitae* verdadeiramente notável; além de pintor e escultor é também compositor de música clássica e contemporânea. Fui professor de escultura na Academia de Belas Artes de Florença, onde Scheffel aperfeiçoou-se neste campo da arte e tive o prazer de observar que o seu natural modo de proceder correspondia plenamente com o meu método de ensino. *O Cavalo* por ele realizado durante todo o período de 1959/60 é um trabalho muito belo como escultura e digno, na sua potência, das grandes obras. A personalidade do artista Scheffel fala de um mundo todo seu, às vezes, plenamente aderente a uma realidade clara e luminosa, inspirada em verdades transcendentais plenas de mistério. (BERTI, apud, SCHEFFEL, 2013, p. 322)

Em 1960 foi apresentado a Augusto Vermehren (1888-1978), um importante restaurador da Itália. Vendo as obras de Scheffel, o convidou para fazer parte do laboratório da Galeria dos Ofícios, onde o artista permaneceu por três anos. Sua maior realização durante este período foi o restauro pictórico de *Os Quatro Filósofos* de Peter Paul Rubens (1577-1640)¹⁹.

Iniciaria, assim, minha experiência em “restauração pictórica” no Laboratório da Galeria dos Ofícios de Florença, dirigido pelo professor Augusto Vermehren, durante três anos, de 1960 a 1962. A prática da restauração pictórica não é em si um trabalho criativo, mas, sim, de preservação. Por

¹⁷ Até então, Scheffel utilizava espaços de amigos para produzir (SCHEFFEL, 2013).

¹⁸ Pedro Américo de Figueiredo e Mello (1843-1905) - Grande intelectual e pintor brasileiro, que mesclou em suas obras elementos neoclássicos, românticos e realistas. Dentre suas obras mais conhecidas se encontram *Batalha de Avaí* (1877), *Independência ou Morte* (1888) e *Tiradentes esquarterado* (1893).

¹⁹ Peter Paul Rubens (1577-1640)- Importante pintor flamengo, um dos maiores expoentes do Barroco na Europa do século XVII. Realizou obras como *A queda de Fêton* (1604-1605), *Elevação da Cruz* (1610) e *Massacre dos Inocentes* (1612).

esse motivo, não apresento aqui esse meu aprendizado técnico em relação ao método, com muitas observações à parte, empreendido nesse laboratório, como em outros grandes museus na conservação das obras de mestres do passado. Podemos, no entanto, afirmar que não se jogou fora o meu tempo de artista criativo por excelência com a prática e conhecimento direto no interior de um laboratório. (SCHEFFEL, 2013, p.112)

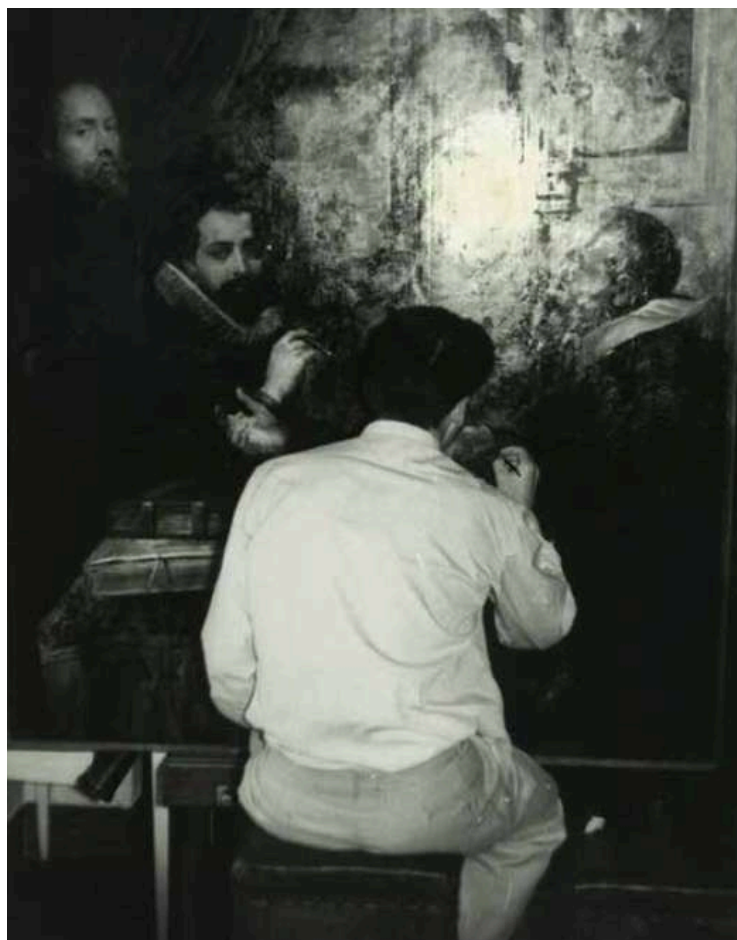


Figura 16 - Restauração pictórica de Os Quatro Filósofos, 1961, Florença

Fonte: SCHEFFEL, Ernesto Frederico; REINHEIMER, Angelo (org); HERMES, Gilmar (org). Scheffel por ele mesmo. Novo Hamburgo: Um Cultural. 2013.

Durante este período, se dedicou a uma série de outros projetos, a maioria de natureza religiosa, realizando tanto obras públicas quanto privadas. Uma de suas intervenções foi um tabernáculo localizado na propriedade da família Pestellini Rocchi, em Villa Il Pitto, cujo tema era a virgem e o menino. Para a família, Scheffel apresentou um estudo em 1960 e outro em 1966, pois não houve tanto interesse pela primeira composição, por se afastar de um “espírito italiano” oriundo dos mestres do passado. A composição era enigmática em demasia. Nela, é perceptível a

aplicação de elementos que o artista já vinha utilizando em suas produções de caráter mais simbolista e intimista, exemplo das rochas abaixo dos pés da virgem. No entanto, a segunda composição agradou a família, logo Scheffel a executou naquele mesmo ano.



Figura 17 - Madonna Nº 1 e Madonna Nº 2 (Estudo para Madonna Del Pitto)

À esquerda: Estudo 1: Cartão de afresco – Lápis e óleo, 101 x 223,5 cm, 1960

À direita: Estudo 2: Cartão de afresco – Lápis – 100 x 222 cm, 1966

Acervo: Fundação Ernesto Frederico Scheffel, Novo Hamburgo - RS

Trabalhou também na Capela Ignesti em San Piero a Sieve, com a obra *Batismo Ignesti* (1967-68), ou *Batismo de Jesus*²⁰. No entanto, a virada da década foi de muitas mudanças. Scheffel decidiu reestruturar seu posicionamento com o que chamou de “autorrevolução”. Neste momento suas obras adquirem uma outra fatura, mais livre, com ampliação de novas técnicas e temas. São majoritariamente desenhos, muitos em carvão e pastel em dimensões pequenas. Grande ênfase é dada aos retratos, sejam em tinta a óleo ou carvão e pastel. Retrata pessoas do seu

²⁰ Neste mesmo ano, realizou outro Batismo de Jesus, agora na Igreja Maria Immacolata em Sesto Fiorentino, um afresco em dimensões reais. Tentei contato através do e-mail disponibilizado no site da igreja no dia 10 de janeiro de 2024 buscando maiores informações, no entanto, não obtive retorno.

vínculo mais próximo, porém permanece sendo um artista pouco comercial. A partir de 1973, Scheffel iniciou a jornada intensa de “idas e vindas” entre Brasil e Itália, devido ao convite para expor na SESQUIBRAL - Sesquicentenário da Imigração Alemã, evento localizado no Parque de Exposições da FENAC, em Novo Hamburgo de 1974. Nesta ocasião foi criada a Galeria de Arte Municipal, futura Fundação Ernesto Frederico Scheffel, que falarei posteriormente.

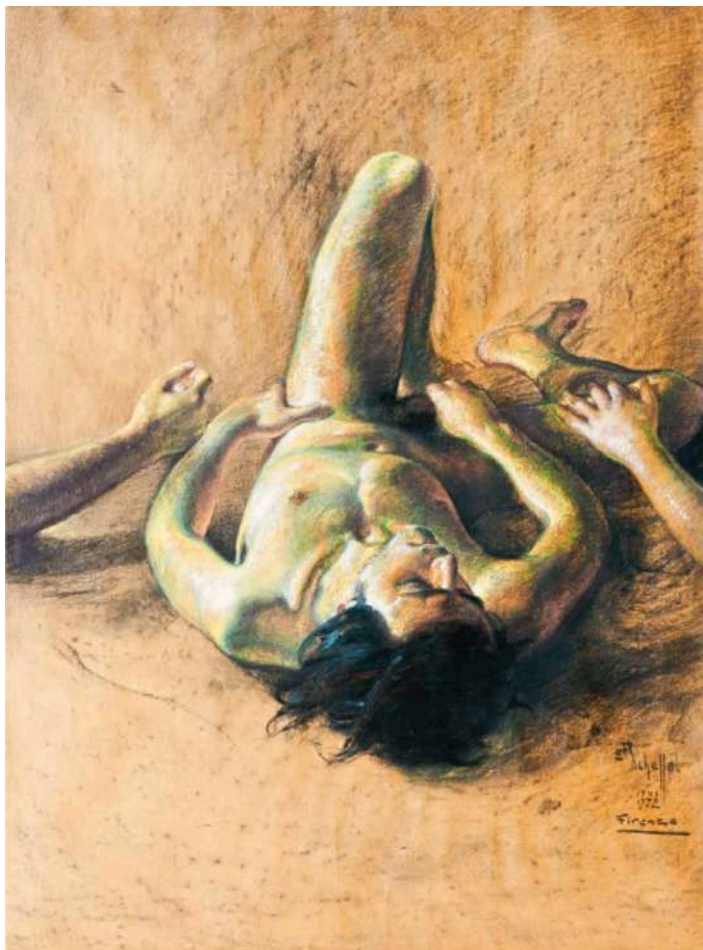


Figura 18 - Mitos, 1972

Carvão e pastel, 86 X 115 cm
Acervo: Coleção privada

Nesta fase mais madura, o tema erótico emerge de forma marcante nas obras de Scheffel, com ênfase no corpo e em sua representação que se destaca em relação ao que havia sido produzido anteriormente. Um dos principais apoiadores de Scheffel nesse período foi o médico e colecionador de arte Rolf Udo Zelmanowicz (1931-2023), cujo encontro ocorreu por meio da SESQUIBRAL. A relação entre ambos se estreitou, tornando-se uma amizade significativa para o artista. Através da Pinacoteca da APLUB, localizada em Porto Alegre, capital do Rio Grande do

Sul, Scheffel manteve uma conexão constante com a cidade, onde também estabeleceu um ateliê neste período (KLOECKNER, 2014).

A conversa girou em torno de um projeto artístico com a Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil – APLUB, interessada em meu trabalho. Propunha estudarmos o modo de satisfazer a ambos sobre os motivos a serem tratados. Logo expliquei que, no momento, eu estava empenhado numa autorrevolução, tratando de composições voltadas ao erotismo – ao que o doutor Rolf logo anuiu, surpreendentemente, dizendo que o interessaria sobremodo! (SCHEFFEL, 2013, p. 227)



Figura 19 - Tríptico Verão, 1978

Carvão e pastel, 98 X 68 cm

Óleo sobre tela, 98 X 80 cm

Carvão e pastel, 98 X 68 cm

Acervo: Pinacoteca APLUB de Arte Rio-grandense, Porto Alegre - RS

Esta repentina mudança foi ocasionada por alguns motivos interessantes. A produção artística de Scheffel foi profundamente impactada pelos movimentos estudantis que provocaram uma revisão dos métodos de autoridade na sociedade, desde a família até o Estado. O contexto de rebeldia, iniciado em 1968 em Paris e posteriormente espalhado por toda a Europa, estimulou uma ampla revolta, permeada pela busca pela valorização da individualidade e pela consciência de seu valor em uma sociedade democrática. Wilson Pinto destaca algumas de referências que transformaram e reestruturaram o pensamento da época.

Acredita-se que aquela geração de maio de 1968, num lance de utopia, foi capaz de conduzir uma transformação muito importante, na medida em que rompeu com as tradições, provocou uma quebra geracional e isolou os focos do autoritarismo, inclusive no Brasil. Faz-se interessante como as obras dos pensadores alemães Wilhelm Reich (*A função do orgasmo*), Max Horkheimer e Theodor Adorno (*Dialética do esclarecimento*) e Herbert Marcuse (*Eros e civilização e Ideologia da*

civilização industrial) se fizeram presentes nesses movimentos em quase todos os países onde o maio de 1968 tem relevância. (PINTO, 2018, p. 34)

A mudança é então impulsionada por esse contexto de renovação, levando Scheffel a adotar uma nova fase em sua expressão artística, marcada pelo erotismo e pela provocação. Sobre isto escreve:

A década de 1970 não é, somente, um período de inquietação ideológica que anima posicionamentos de conveniência coletiva. É, principalmente, um período de inovação e abertura de oportunidades no desdobramento de possibilidades e desafios artísticos, colocando em prova os nossos múltiplos talentos. (SCHEFFEL, 2013, 186)



Figura 20 - Prova de flauta, 1978

Carvão e pastel, 69 X 99 cm
Acervo: Coleção particular Rolf Zelmanowicz, Porto Alegre - RS

A produção pictórica desta década se estabeleceu como um grande divisor na sua carreira, que até então era marcada pela representação idealizada do corpo, como em *Tríptico: O Culto a Natureza - Criação - O Conhecimento da Natureza* (Figura 12). Nele, mesmo que haja uma tensão

erótica na cena central, ainda assim está dentro de um cânone, que se diferencia de *Tríptico Verão* (Figura 19), realizado mais de vinte anos depois. Neste último, a referência masculina central está totalmente nua e repousa em estado de relaxamento, junto com as outras duas femininas que estão em primeiro plano. Estas obras, que compõem a série temática, estavam, majoritariamente, na coleção particular de Rolf²¹ ou pertencem à coleção da Pinacoteca da APLUB.

Já na década de 1980, Scheffel entra para as manchetes de jornais da região do Vale do Rio dos Sinos por sua participação ativa no projeto de preservação patrimonial do Centro Histórico de Hamburgo Velho. Além disso, passou a dar mais atenção a suas composições musicais que, conforme mencionado no primeiro capítulo, são produzidas em disco pela OSPA em 1983. No final da década, saiu de Florença e se mudou para a província de Lucca, localizada ao norte da Toscana, Itália, onde manteve maior ligação com a natureza, plantando e produzindo seu próprio vinho. A década de 1990 é marcada por seu reconhecimento em Novo Hamburgo e região, principalmente pelo trabalho realizado na instituição cultural que leva seu nome. Quanto a sua produção pictórica, se sobressaem naturezas-mortas em óleo e com superfícies que variam de tela a madeira.

Para além da Itália e em busca de suas raízes, Scheffel parte para a Alemanha na década de 1970, profundamente influenciado pelos estudos genealógicos do historiador Carlos Henrique Hunsche (1913 - 1986). Lá, estabeleceu conexões com a família de Wolfgang Birkelbach, um pesquisador local, cujos laços permaneceram ao longo dos anos e resultaram em surpreendentes descobertas. Em 2001, Scheffel é reconhecido como compositor durante a 32ª Semana Internacional de Música de Bad Berleburg, na Alemanha, e três anos mais tarde, em homenagem ao músico da região Friedrich Kiel (1821-1885), criou a escultura de um torso.

Em 2004 também recebeu o troféu O Sul - Mérito do Sul, por sua contribuição como artista e agitador cultural e paralelamente, o Conselho Municipal de Fabbriche di Vallico, atual Fabbriche di Vergemoli, na Província de Lucca, lhe concederam a Cidadania Honorária. Pela Câmara Municipal de Novo Hamburgo, recebeu o título de Cidadão de Novo Hamburgo.

Desde o final da década de 1980, Scheffel já organizava os textos para sua biografia, no entanto, foi a partir de 2005 que se dedicou quase integralmente à isto, com a ajuda de amigos. A produção pictórica foi, sem dúvidas, menor, porém não foi sem motivo. Scheffel estava se

²¹ Em junho de 2023 Rolf Zelmanowicz oficializa a doação de 114 obras de sua coleção particular (SCHÜTZ, 2023). As obras datam majoritariamente da segunda metade do século XX, cujos artistas são em maioria gaúchos. Elas serão expostas no Paço Municipal, centro de Porto Alegre e se chamará Coleção Rolf Zelmanowicz. No entanto, ainda não se tornou pública a relação completa de artistas e obras doadas, sendo assim as fichas técnicas indicando o acervo privado de Rolf Zelmanowicz estão de acordo com a autobiografia de Scheffel e com a visita que realizei na casa do colecionador dia 30 de julho de 2022.

dedicando também à vida no campo. Embora morasse sozinho, estava sempre rodeado de amigos que o visitavam constantemente.



Figura 21 - Vallico Sotto, 2006

Óleo sobre madeira, 35 X 25 cm
Acervo: Coleção particular

Sua autobiografia foi lançada dia 05 de novembro de 2013, sendo uma das principais fontes para a construção desta pesquisa. A obra teve organização de Angelo Reinheimer, curador do Museu Scheffel e de Gilmar Hermes, jornalista e professor da UFPEL - Universidade Federal de Pelotas.

Em 2015, no dia 16 de julho, faleceu Ernesto Frederico Scheffel, com seus 87 anos no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, resultado de um câncer de via biliar. Foi decretado Luto Oficial pela Prefeitura de Novo Hamburgo e a então Presidente Dilma Rousseff emitiu uma nota de pesar, homenageando também o legado que o artista havia deixado.

Em virtude do falecimento de Scheffel, o crítico e historiador da arte Francisco Dalcol escreve sobre o artista:

Nunca se concentrou em uma escola ou movimento. Ao contrário, transitou por diversas correntes, plasmando em sua obra influências diversas, como barroco, romantismo, realismo e simbolismo. Essas referências, ao mesmo tempo em que lhe conferiram um caráter passadista, também o

mantiveram afastado das vanguardas, grupos e manifestos artísticos que agitaram a primeira metade do século 20, no Brasil e no mundo (DALCOL, 2015)

Em 2017 a exposição Scheffel por ele mesmo é aberta no MARGS, com curadoria de Angelo Reinheimer, contendo uma seleção de obras da Fundação Ernesto Frederico Scheffel e da coleção particular de Rolf Udo Zelmanowicz. A exposição deu ênfase na sua produção da década de 1970 e ficou aberta a visitação de 25 de outubro a 05 de dezembro.

2.3. Autorretrato em três partes

O autorretrato é um gênero artístico, que se popularizou na Idade Moderna²², porém vai muito além da simples representação pictórica de quem o produz, ela possui uma subjetividade própria do artista que olha para si mesmo (HALL, 2014).

Kátia Canton sugere que a autorrepresentação nasce com o intuito de preservar a imagem para o futuro, como um registro. Também servia para processos de experimentação de novas técnicas.

Os artistas começaram a pintar seus próprios rostos. Isso porque eles também queriam: deixar sua imagem gravada para o futuro; sentir que eram importantes como pessoas humanas e como profissionais; expressar em suas pinturas o que sentiam internamente, suas emoções e seus pensamentos; usar suas próprias imagens como pretextos para elaborar obras de arte, cuidando das cores, das pinceladas, dos contornos, das texturas. (CANTON, 2001, p. 05)

A presença de autorretratos na obra de Ernesto Scheffel é frequente. De início, ela se dá porque o artista não tinha fácil acesso a modelos²³, e como já mencionado anteriormente, o IBA não possuía uma sala de modelo-vivo, até intervenção do professor João Fahrion. Scheffel diz que “Partindo dos autorretratos, conseguia avançar, em quase todas as composições, fazendo meus estudos anatômicos através do espelho: valia para homem e mulher” (SCHEFFEL, 2013).

No entanto, Scheffel permanece produzindo autorretratos ao longo de sua vida. Ao se autorrepresentar, afirma sua identidade, mesmo que em um primeiro momento esta finalidade não seja clara para ele. Isto também ocorre na recuperação das memórias em sua autobiografia *Scheffel*

²² Por Idade Moderna entende-se o período de 1453 a 1789. No entanto, o crescimento da produção de autorretratos se deu através da comercialização de espelhos, no final do século XVII (HALL, 2014)

²³ Relata em sua autobiografia (SCHEFFEL, 2013) que não possuía dinheiro para contratar modelo-vivo no início de sua carreira. Posteriormente, um dos ensinamentos de Oswaldo Teixeira seria “nunca pintar sem modelo”.

por ele mesmo, pois elas já representam uma interpretação da realidade (QUERIDO, 2012). Ao olhar para sua obra é perceptível a relevância do autorretrato como um processo constante de autoexploração e expressão artística. Ao observar três deles, pude traçar uma comparação de suas três fases como artista de alta expressão.

Promessa Enigmática (1949) está dentro do período mais intimista e simbólico de Scheffel. Reflete a ideia de alguém que está no início de uma jornada, buscando por algumas referências e encontrando ainda algo que lhe dê sentido. Scheffel encara o espectador. Procura, quem sabe, no livro que está aberto a sua frente a resposta para algumas perguntas. As cores frias dão sentido fantasmagórico à composição. Atrás de Scheffel está ela, a Morte, que lhe sussurra algo ao ouvido. Será a resposta às suas perguntas?

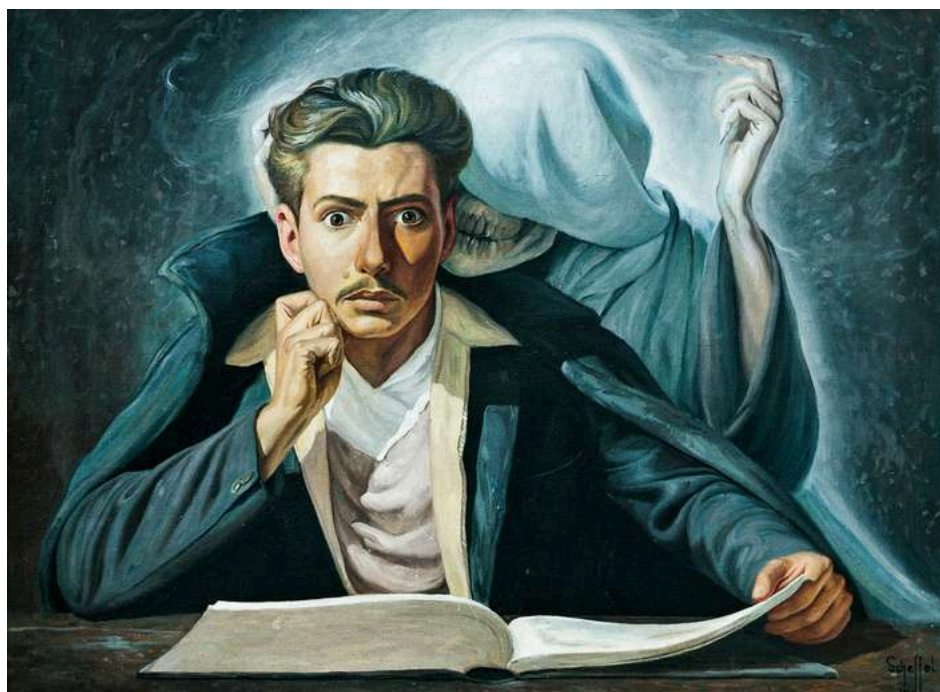


Figura 22 - Promessa enigmática, 1949

Óleo sobre tela, 56 x 76 cm

Acervo: Fundação Ernesto Frederico Scheffel, Novo Hamburgo - RS

A presença desta obra à exposição no MNBA, mencionada anteriormente, também intriga a crítica Célia de Góes, que escreve:

Outro título do conjunto me atraiu: “Promessa enigmática”. Procurei com os olhos. Só podia ser aquele: um rapaz jovem, os olhos alucinados olhava adiante... A morte lhe segredava ao ouvido... Era como se os dois quadros fossem corretos [O suicida, 1950]. (GOÉS, 1951, p. 8, grifo da autora)

A atmosfera melancólica e introspectiva guarda notável semelhança com dois importantes trabalhos de outros artistas do século XIX. No primeiro plano da obra, Scheffel é representado com um rosto assustado, evocando a expressão encontrada no autorretrato de Gustave Courbet (1819-1877)²⁴.

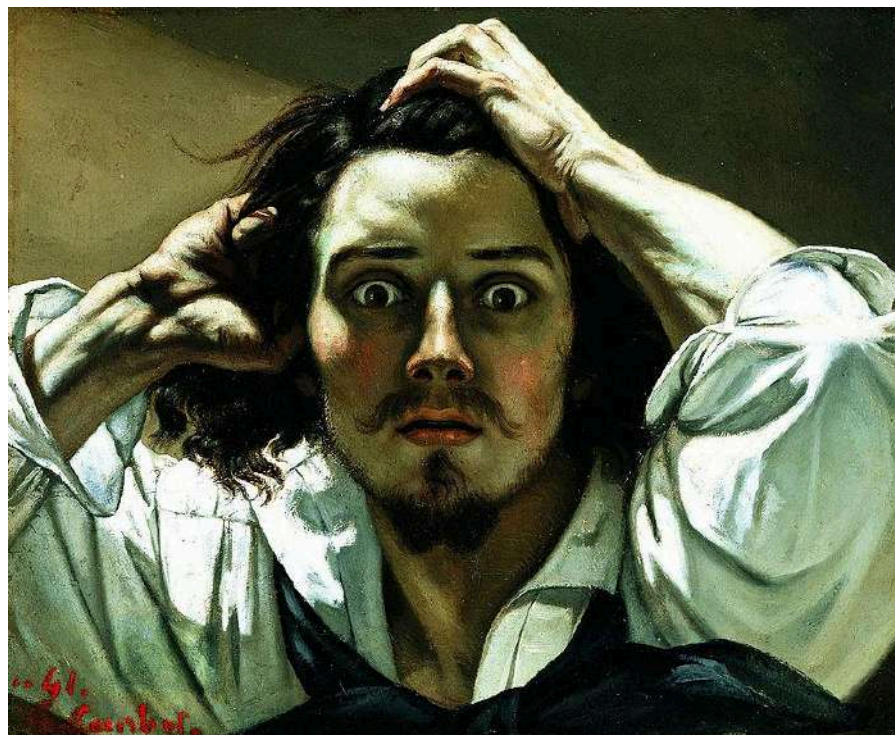


Figura 23 - O homem desesperado, 1843-45

Gustave Courbet (1819-1877)
Óleo sobre tela, 45 x 55 cm
Acervo: Coleção privada BNP Paribas, França

Primeiramente, as características faciais do autorretrato remetem à expressão angustiada presente no de Gustave Courbet, intitulado “O Homem desesperado”. Assim como Courbet, Scheffel retrata-se com um semblante perturbado, apresenta uma profunda inquietação. Sugerindo que Scheffel toma Courbet como referência, é possível levá-lo mais a diante. A busca pela representação de algo real foi destaque na vida do pintor francês. Em 1854 escreve:

Espero sempre ganhar a vida com minha arte, sem me desviar um milímetro dos meus princípios, sem ter mentido a minha consciência por um único momento, sem pintar sequer o que pode ser

²⁴ Gustave Courbet (1819-1877) - Foi um pintor francês que estudou na Royal College of Besancon, cujo estilo se enquadra no realismo.

coberto pela palma da mão só para agradar alguém ou para vender mais facilmente (COURBET, 1854 *apud*, GOMBRICH, 2009 p. 511).

Scheffel também tinha preocupação semelhante, como apresentado também anteriormente na crítica de H. Pereira da Silva quando o artista apresenta seu trabalho dizendo que não se tratavam de obras comerciais (SILVA, 1956). Seu interesse era exprimir suas ideias e visão de mundo, para além de se encaixar em algum estilo, no entanto, se diferencia da de Courbet pelo interesse em representações simbólicas e mais intimistas.



Figura 24 - Autorretrato com a morte tocando violino, 1872

Arnold Böcklin (1827 - 1901)
Óleo sobre tela, 75 x 61 cm
Acervo Antiga Galeria Nacional, Berlim - Alemanha

A outra obra que se assemelha à composição é do pintor suíço Arnold Böcklin²⁵ (1827 - 1901). Em *Autorretrato com a morte tocando violino*, uma figura esquelética que toca violino se posiciona atrás do pintor. Este elemento simbólico sugere a presença constante da mortalidade na vida humana e a inevitável passagem do tempo. A composição da obra é marcada por contrastes

²⁵ Arnold Böcklin (1827 - 1901) - Foi um pintor suíço ligado ao romantismo e simbolismo. Viajou para a Itália em 1850, onde mergulhou nos estudos relacionados a mitologia e a temática da arte renascentista (PUTZ, 1979)

entre luz e sombra, criando uma atmosfera carregada de tensão e mistério. As cores sombrias e os tons terrosos predominam. Estas são então possíveis influências para o jovem artista, que estava em busca da exploração das emoções humanas e das questões existenciais, como menciona diversas vezes em seus textos.

Já partindo para a metade da década de 1950, Scheffel realizou um autorretrato intitulado *Signo de Balança* (Figura 25), onde se retrata em um estado de repouso, expressando uma dualidade entre o sagrado e o profano, entre a busca pela espiritualidade e a vivência cotidiana. Suas mãos vazias sugerem uma disponibilidade para o crescimento e a abertura ao mundo, enquanto seu gestual convida ao diálogo que reflete a influência do signo de Libra, sob o qual o artista nasceu e se posiciona ao seus pés. Em sua primeira composição, Scheffel havia se representado completamente nú, porém ao buscar a opinião de pessoas conhecidas (não nos relata quem) é aconselhado a não deixar à vista seu órgão genital masculino.

Neste momento, Scheffel estava em busca do Prêmio de Viagem ao Exterior através do rigoroso Salão Nacional de Belas Artes. O ambiente mais conservador ainda não lhe permitia desbravar as relações com o corpo, como assim o fez na década de 1970. Sobre o autorretrato, nos conta que o órgão genital “foi encoberto com maestria, mas não cancelado, podendo ser radiografado em um futuro próximo, quando aprover” (SCHEFFEL, 2013, p. 80).

Scheffel deixava clara sua relação com o místico, o que vai além da compreensão humana. Acreditava em astrologia e este autorretrato reflete a busca por um significado, espiritualidade e conexão com o mundo ao seu redor e principalmente, consigo mesmo. Ela se enquadra em uma fase de amadurecimento artístico, pautada não apenas em conhecimentos de cor e forma, mas de posicionamento como artista e sua sensibilidade frente ao mundo.



Figura 25 - Signo de Balança, 1956

Óleo sobre tela, 186,5 x 100 cm

Acervo Fundação Ernesto Frederico Scheffel, Novo Hamburgo - RS

Por fim, em *Autorretrato Florentino* (Figura 26), Scheffel faz refletir em seus traços o resultado de cinco anos vivendo na Itália e estudando com professores que tinham como inspiração os mestres do renascimento. Esta obra é resultado de muito estudo sobre a maneira que os italianos pintavam. Uma de suas grandes inspirações é Pietro Annigoni (1910-1988), pintor italiano conhecido por ser um grande retratista do século XX, retratando personalidades importantes, como Rainha Elizabeth II, Papa João XXIII e o ex-presidente dos Estados Unidos dos EUA John F. Kennedy.

No autorretrato em questão, Scheffel se coloca em uma posição de seriedade, se comparado com as outras apresentadas anteriormente (Figura 22 e 25). Nada além dele preenche o cenário,

evocando a simplicidade dos autorretratos à moda de Rembrandt²⁶. A obra reflete não apenas um estudo clássico, mas também uma conexão profunda com os princípios da arte renascentista, onde a técnica e a sensibilidade se entrelaçam na busca pela expressão artística autêntica.

Neste sentido, nos revela estar imerso à vida florentina. Sua permanência na Itália não apenas aprimorou suas habilidades técnicas, mas também fortaleceu sua confiança como artista. Rapidamente adaptou-se à vida na Itália, absorvendo a rica tradição artística e incorporando-a ao seu próprio estilo. Essa adaptação rápida é evidente na maneira como ele adota elementos da arte clássica italiana em seu autorretrato, mostrando sua capacidade de assimilar e incorporar novas influências em sua prática artística. Assim, o Autorretrato Florentino não apenas retrata o artista no momento presente, mas também simboliza sua jornada de crescimento e desenvolvimento artístico, marcada pela influência transformadora de sua estadia na Itália.



Figura 26 - Autorretrato Florentino, 1960-64

Óleo sobre tela, 121 x 70 cm
Acervo Fundação Ernesto Frederico Scheffel, Novo Hamburgo - RS

²⁶ Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1606-1669) - Pintor e gravurista holandês muito conhecido por seus autorretratos. Rembrandt teve uma produção significativa de autorretratos, provocando discussões sobre a passagem do tempo e a representação do envelhecimento (DA SILVA et al, 2023).



Fundação Ernesto Frederico Scheffel
Av. Gen. Daltro Filho, 911 - Hamburgo Velho, Novo Hamburgo
Foto: www.fundacaoscheffel.com.br

3. FUNDAÇÃO SCHEFFEL: O legado de um artista

A partir do Sesquicentenário da Imigração Alemã (SESQUIBRAL), realizado em 1974 na FENAC em Novo Hamburgo, iniciou-se um movimento que revisitou o passado da região, com intuito de valorização histórica da imigração alemã e construção identitária da região (SOUZA, 2018). No evento, nasceu a ideia de construir uma galeria de arte que promoveria e agitaria a cena cultural local. Este espaço nasceria para abrigar as obras de Ernesto Frederico Scheffel, com uma exposição permanente de trabalhos realizados ao longo da carreira. Scheffel apresentou surpresa ao receber a proposta²⁷, que partiu das prefeituras de São Leopoldo, Campo Bom e Novo Hamburgo.

De uma ou outra forma, eu estaria em condições de representar, no campo da arte, uma grandeza particular de reconhecimento coletivo. Era um fato inédito e surpreendente, pois, até então, todos os interesses haviam convergido quase que unicamente para a industrialização do artesanato coureiro-calçadista. (SCHEFFEL, 2013, p. 230).

O local selecionado para sediar a Galeria Municipal de Artes Ernesto Frederico Scheffel foi a antiga residência de Adão Adolfo Schmitt e sua esposa Louise Karst Schmitt, erguida no longínquo ano de 1890²⁸. Scheffel também realizou a escola primária naquele prédio, cultivando assim um vínculo especial com o local. Em 1974 marca-se a criação da Galeria Municipal de Artes Ernesto Frederico Scheffel²⁹, o qual representou apenas o ponto de partida de um vasto empreendimento dedicado à preservação do patrimônio cultural.³⁰

²⁷ A surpresa de Scheffel não era sem sentido, pois naquele momento a região do Vale do Rio dos Sinos, estava voltada para as relações de comércio nacional e internacional da indústria calçadista.

[...] até meados dos anos 1960 sua produção era destinada para o mercado interno e, a partir dessa década, iniciaram as exportações de calçados para a Europa e Estados Unidos. Foi nas décadas seguintes que o setor conheceu seu apogeu econômico, também conhecido como *boom* exportador, e sua expansão e consolidação como uma cadeia complexa e completa. O setor é entendido como um *cluster*, visto que era constituído por um conjunto de empresas ligadas entre si e em estreita colaboração, coabitando uma área delimitada por alguns municípios do Vale do Sinos. (SCHEMES, et al., 2013)

²⁸ A construção foi obra dos irmãos Jacó Frederico Lipp e Henrique Lipp, a mando de Adão Adolfo Schmitt (1866-1937)

²⁹ NOVO HAMBURGO. Lei Nº 64, de 28 de setembro de 1974. Dispõe sobre a criação e organização da Galeria de Arte Municipal, formada pelo acervo artístico de Ernesto Frederico Scheffel. Foi realizado um acordo de exclusividade com o artista, expondo apenas suas obras e o município de Novo Hamburgo assumiu a responsabilidade de adquirir e restaurar o prédio escolhido. (SCHEFFEL, 2013, p. 231)

³⁰ A Fundação Ernesto Frederico Scheffel, nome utilizado atualmente, se deu por um episódio não muito agradável. Pouco tempo antes da inauguração da Galeria de Arte, as obras que vinham da Itália ainda estavam presas pela Alfandega de Porto Alegre. A Prefeitura de Novo Hamburgo ignorou a situação até o último momento. Foi preciso a intervenção financeira da APLUB para que as obras fossem liberadas. Esta situação obrigou a Prefeitura Municipal a criar uma entidade para abrigar o acervo, através do Decreto nº 236, DE 28/12/1979.

Adjacente à construção designada para abrigar a galeria, erguia-se uma casa de estrutura enxaimel, cuja origem remonta ao ano de 1828, tendo como primeiro proprietário João Pedro Schmitt. Mais tarde, esse espaço foi ocupado pelo comércio de Edvino Presser (SEIXAS, 2014). Em 1975, Scheffel recebeu a notícia de que a casa estava sendo demolida, pois possuía boa localização, logo tornava-se alvo da voracidade da especulação imobiliária. Scheffel, atento à situação, tomou providências e buscou o auxílio do prefeito Miguel Schmitz, que conseguiu interromper temporariamente o avanço dessa investida desfavorável (SCHEFFEL, 2013, p. 234). Atualmente conhecido como Casa Schmitt-Presser, o edifício abriga um Museu Comunitário que apresenta uma exposição permanente que remonta a um armazém típico da era da colonização alemã.

Pouco tempo depois algo semelhante aconteceu com o prédio que abrigou a *Schulhaus*³¹, escola da região que foi reinaugurada em 1909, que na década de 1970 recebeu “irrecusáveis” propostas para novos empreendimentos do setor imobiliário.

Em 1832, com a Comunidade Evangélica de Hamburgo Velho, foi instituída uma escola, que permaneceu em atividade desde então, funcionando em locais diversos, durante o primeiro século de sua existência. Durante algum tempo a escola esteve instalada no chamado “Schulhaus”, prédio construído na atual Praça da Bandeira [...] Neste local a escola atendia as crianças das comunidades de Hamburgo Velho e Novo Hamburgo [...] (GRÜN, 1982, p. 28 apud HATZENBERGER, 2020, p. 18)

Scheffel recebeu a notícia e não hesitou em argumentar com o prefeito, que não assinou o documento que negociava o importante prédio de relevância histórica e cultural da cidade de Novo Hamburgo. Esta negociação virou notícia nos Jornal NH, principal jornal da cidade, colocando Scheffel como o *Dom Quixote*³², insinuando que na tentativa de fazer o bem o artista, protetor do patrimônio da cidade, acabaria se dando mal.

O argumento para colocar em desuso o prédio seria que a prefeitura não possuía condições financeiras para a manutenção, evitando que se destruísse pelo tempo. A atitude de Scheffel evidenciou grande indignação, ameaçando inclusive não participar da abertura da Galeria de Artes

³¹ Em língua alemã, *Schulhaus* significa Escola.

³² Em referência ao personagem Dom Quixote, do livro *Dom Quixote de la Mancha*, escrito pelo espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616), publicado pela primeira vez em 1605 em Madrid, Espanha.

que levava seu nome³³. O ato gerou resultados, pois atualmente o prédio histórico abriga a Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis.

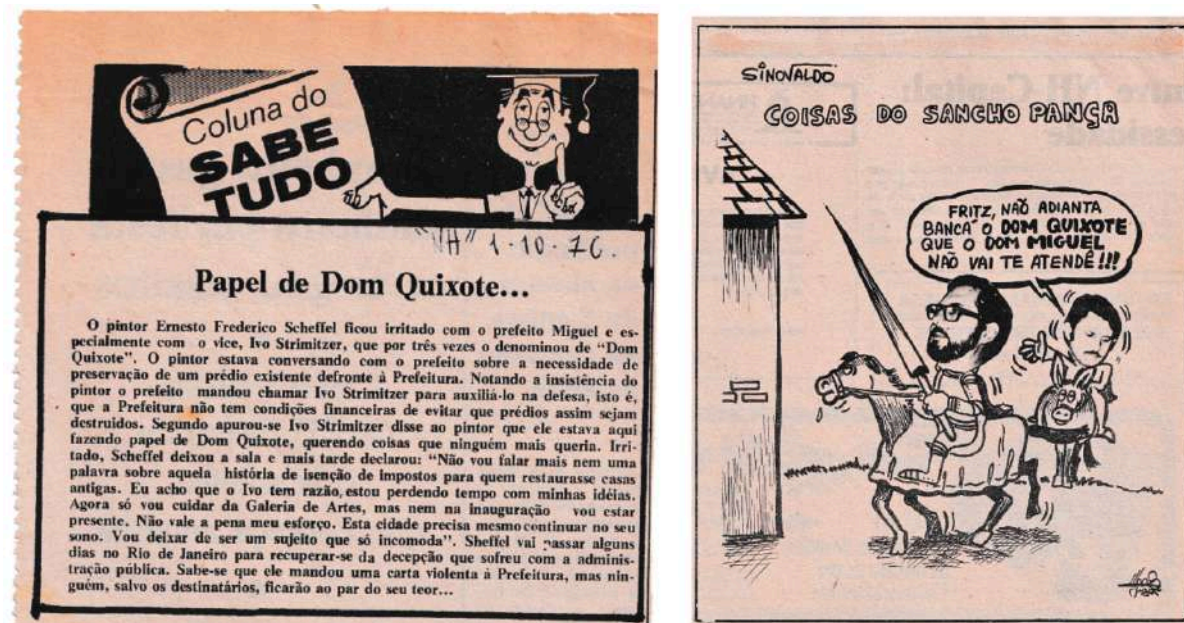


Figura 27 - Jornal NH, outubro de 1976

À esquerda se refere a publicação de 01 de outubro de 1976. A charge de Sinovaldo à direita data de 04 de outubro de 1976.

Acervo: Fundação Ernesto Frederico Scheffel

3.1. Scheffel e a preservação patrimonial

O processo de patrimonialização e tombamento do Centro Histórico evidentemente não foi realizado apenas pelo artista. Muitas figuras importantes estavam envolvidas desde o início. O historiador Carlos Henrique Hunsche (1913 - 1986), doutor em Filosofia e Letras pela Universidade de Berlim, realizou importantes estudos genealógicos ligados a famílias de origem alemã no estado³⁴. Quando Scheffel teve contato com estas informações³⁵, o interesse pela história

³³ Naquele momento o prédio que abrigaria a Galeria estava em processo de restauro, que ficou sob a responsabilidade do arquiteto Nelson Souza (1925-2014), amigo e ex-colega de Scheffel da Escola Técnica Parobé. As condições do prédio escolhido eram precárias. Além da restauração completa, foi realizada uma readequação condizente com a nova função do casarão, que era abrigar obras de arte, porém se buscou guardar as características principais do projeto arquitetônico original (SCHEFFEL, 2013).

³⁴ Dentre as obras mais conhecidas do historiador, está *O biênio 1824-25 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)*, publicada pela primeira vez em 1975.

³⁵ Em um dos retornos de Scheffel à Europa, decidiu buscar por mais informações de sua família, estimulado pela amizade com Hunsche. A chegada dos Scheffel ao Brasil data de 1825 e, orientado pelo historiador, visitou Berghausen e Bad Berleburg do Wittgensteiner Land na Westfália. De fato, Scheffel encontra em Bad Berleburg algumas casas

da região, até então desconhecida pelo público em geral, foi combustível para permanecer nas atividades de preservação que estava começando a se desenvolver, ainda no início da década de 1970.



Figura 28 - Ernesto Frederico Scheffel com o historiador Carlos Henrique Hunsche em 1974

Fonte: SCHEFFEL, Ernesto Frederico; REINHEIMER, Angelo (org); HERMES, Gilmar (org). *Scheffel por ele mesmo*. Novo Hamburgo: Um Cultural. 2013.

Até o momento, muito já havia sido feito pela cidade. Conforme o tempo passava, o projeto ganhava mais força e visibilidade, porém com isso algumas inimizades também. Além de salvar edifícios históricos importantes, havia a realização de atividades menores, que aproximavam a comunidade da intenção de preservar.

Houve também a oportunidade, em 1979, de transformar o antigo Cemitério Evangélico da cidade de Campo Bom em jardim público. Iniciei pelo levantamento dos túmulos que, posteriormente, receberiam gramas e flores. O plantio seria feito por mutirão comunitário; eu, inclusive, participaria. Também realizei o estudo de cores para a antiga Igreja Evangélica, monumento histórico e cultural, construído em 1851. Resultou que, além da pintura exemplar do templo, não se destruísem as suas escadarias. Durante a década de 1980, apresentaria-se, também, o lado obscuro do comportamento de algumas pessoas de minha comunidade. Agora, eu me expunha e me arriscava, convicto de que alguém devia fazê-lo, para salvar o salvável de nossa memória tangível, de valor inestimável. (SCHEFFEL, 2013, p. 272)

construídas por seus antepassados. Relata que este contato estabeleceu uma relação de integração com suas raízes genealógicas, “como se o presente e o passado nunca tivessem se desenlaçado” (SCHEFFEL, 2013, p. 237).

Outra figura importante na vida do artista foi a historiadora Angela Tereza Sperb³⁶, que em 1979 começou a frequentar a Galeria de Arte semanalmente, ficando à par dos acontecimentos que a cercavam. Em 1980, Scheffel reuniu um grupo de pessoas interessadas em realizar pesquisas mais aprofundadas sobre o local, como de levantamento de documentos e fotografias que construíssem uma narrativa favorável à causa. A movimentação ganhou apoio da imprensa. O Jornal NH, um dos grandes veículos de comunicação da região, ofereceu apoio se propondo a divulgar as pesquisas e avanços que o grupo realizava. É perceptível a grande cobertura que o jornal fornece ao longo da década. Localizei muitas reportagens no acervo da Fundação Ernesto Frederico Scheffel, contendo debates interessantes sobre o tema. No entanto, não era um interesse exclusivo deste jornal fornecer informações sobre o movimento que estava acontecendo em Hamburgo Velho.

Em 1982 o Correio do Povo publicou uma matéria da jornalista Patrícia Bins (1928-2008) de seu parecer após uma visita a Fundação Ernesto Frederico Scheffel. Bins relata que não foi tão fácil chegar ao prédio. Ao questionar se estava próxima do local, um morador da região disse “Fundação, não sei, tem um museu de um pintor, nem lembro bem o nome, lá em cima, numa colina [...]” (BINS, 1982). Este episódio põe em reflexão o fato de que possivelmente estas discussões promovidas pelo Movimento de Recuperação de Hamburgo Velho estava muito centralizada e pouco atingia, pelo menos naquele momento, a comoção popular.



³⁶ Mestre em História Ibero-americana, consultora em patrimônio histórico e educação patrimonial, sócia-fundadora do Instituto Histórico de São Leopoldo (SPERB, 2014).

Figura 29 - Ernesto Frederico Scheffel pintando a fachada de um prédio em Hamburgo Velho

Fonte: SCHEFFEL, Ernesto Frederico; REINHEIMER, Angelo (org); HERMES, Gilmar (org). *Scheffel por ele mesmo*. Novo Hamburgo: Um Cultural. 2013.



Figura 30 - Correio do Povo, 19 de maio de 1982

Acervo: Fundação Ernesto Frederico Scheffel

Ao final da visita, a jornalista conversou com o grupo que estava reunido na residência do pintor, onde o próprio Scheffel descreveu a dificuldade em passar a mensagem que o grupo acreditava. “Nem sempre somos compreendidos, é que ao falar de tombamento as pessoas se assustam. Pensam que vão perder a propriedade” (BINS, 1982).

Foi justamente o que se espalhou um ano depois, após a declaração do prefeito recém eleito Atalíbio Foscarini (1929 - 2008), quando foi questionado sobre a permanência do Conselho Municipal de Preservação Histórica e Cultural - COMPAC, que disse “[...] se estão interessados em saber o que penso, Novo Hamburgo não tem nenhuma história!” (SCHEFFEL, 2013, p. 280). Com este acontecimento, o grupo, preocupado em preservar a cidade, entendeu que não teria apoio do poder público e realizou uma retirada temporária. A FEFS fechou as portas e reabriu apenas 15 dias depois, após o Secretário de Educação e Cultura de Novo Hamburgo Ernest Sarlet propor um acordo.

GERAL Folha da Tarde

Interesses imobiliários pressionam contra obras de recuperação

Patrimônio histórico de Hamburgo Velho sob ameaça

O patrimônio histórico de Hamburgo Velho corre o sério risco de ver o trabalho de um dos maiores defensores fatalmente prejudicado. O Centro Histórico de Novo Hamburgo, por causa de ameaças telefônicas, tem momentaneamente paralisadas as obras do mutirão que Ernesto Frederico Scheffel vinha fazendo para restaurar os prédios de "Hamburgerberg" (nome inicial de Hamburgo Velho). Com isto, monumentos históricos de valor incalculável podem ser destruídos por pessoas que não possuem a consciência exata do seu valor ou por quem possui interesse apenas comercial. O pintor explica que o trabalho de mutirão não será retomado enquanto não houver uma tomada efetiva de posição da Prefeitura Municipal.

Conforme trabalho apresentado por Angela Sperb, colaboradora de Scheffel, no IV Sítio de História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul, o verdadeiro fundador de Novo Hamburgo foi Johann Peter Schmitt que dinamizou a atividade cultural, econômica e social de "Hamburgerberg" (Hamburgo Velho). Ele criou um importante ponto comercial que consistia na venda de produtos agrícolas produzidos no "interland" para os centros de consumo como Porto Alegre e São Leopoldo. Deste modo, a Casa Schmitt se tornou um centro sócio-cultural de importância e o ponto comercial se transformaria na vila que, mais tarde, se tornaria um centro industrial de proporções.

Tempos depois lá se instalou a Viação Férrea, com sua rede de trilhos e seu terminal ferroviário localizado em New Hamburg. O nome foi dado em homenagem à própria empresa inglesa que construiu a estrada de ferro, a qual, por falta de verba, não chegou até "Hamburgerberg". Com a localização de lojas de comércio, junto à estação, o progresso foi rápido e inexorável. Desde então, apesar das tentadoras ofertas feitas aos moradores da época, as famílias mais importantes preferiram continuar ali residindo.

MUTIRÃO

Scheffel, que viveu durante 25 anos em Florença, na Itália, e lá compreendeu o valor de se preservar o passado, ao chegar a Novo Hamburgo pretendeu iniciar um movimento de restauração dos antigos prédios do bairro. Este mutirão, que principiou em novembro de 1988, com a participação de Angela Sperb, Marciano Schmitz, Dejair Krummehmann, Luis Henrique de Moura e o próprio Scheffel, se encontra em compasso de espera.

O trabalho coletivo e espontâneo dos moradores do bairro possibilitou que 26 prédios fossem restaurados, ainda que parcialmente. A pintura era feita com o conhecimento prévio do projeto pelos proprietários, que acompanhavam os trabalhos (ao contrário do que agora alegam). No entanto, Scheffel começou a perder o apoio da comunidade no momento em que representantes de interesses especulativos e imobiliários passaram a espalhar o boato de que, caso houvesse o tombamento do Hamburgo Velho, os proprietários não poderiam mais vender seus imóveis. Scheffel afirma que esse argumento é completamente falso.

Isto tudo ocorreu após um árduo trabalho de conscientização dos moradores, no propósito de esclarecer-lhes sobre os objetivos da iniciativa. O clima de hostilidade à Schaeffel e seus parentes começou em janeiro, com telefonemas anônimos, desde que o pastor do Templo da Assembleia de Deus, localizado no antigo prédio do Cine Aida, foi impedido de continuar com as obras de reforma. As ameaças davam conta de que se Scheffel não parasse com o seu movimento, a sua Galeria corria o risco de ter suas obras prejudicadas.

O pastor Hermann Sasse, segundo Scheffel, nascido na Polónia, criado na Alemanha e posteriormente residente no Canadá, se transferiu para o Brasil há seis anos, com a proteção e recursos do pastor John Repman. O prédio, onde atualmente funciona o templo, foi adquirido por Cr\$ 5 milhões há um ano e com procuração de Repman. Porém, há seis anos o edifício já servia como sede do grupo religioso.

Em reunião realizada no dia oito de fevereiro, alguns moradores liderados por Urbano Arnecke, pastor Sasse, Jorge Ondere Jr., entre outros, fizeram um encontro para discutir a questão da restauração dos prédios. O pintor explica que o clima da reunião foi "extremamente emocional" e que impediu uma discussão mais construtiva da situação. Foram "cobras e lagartos", tendo os moradores recebido instruções do advogado contratado pelo pastor, Dagoberto Snell.

— "O mais engraçado, comenta Angela Sperb, é que até pouco tempo atrás, estas mesmas pessoas participavam das festas coloniais que organizávamos de maneira "gratuita". Uma verdadeira festa com música, comidas típicas alemãs e o Coral Júlio Kunz. Além da organização, todo o dinheiro gasto era de Scheffel e contribuições de empresas, como material para a pintura das casas".



Telefonemas anônimos ameaçam galeria de Scheffel a pintura das casas"

Figura 31 - Jornal Folha da Tarde, 10 de março de 1983

Ameaças anônimas amedrontam Scheffel e Angela Sperb
Acervo: Fundação Ernesto Frederico Scheffel

Ainda no início da década de 1980, Scheffel retornou à Itália e retomou suas atividades na música e na pintura. Enquanto isso, em Novo Hamburgo, Angela Sperb continuou envolvida na causa, organizando grupos de estudantes e outros interessados para debater questões relacionadas à preservação. Em 1989, o jornalista Dario Panzenhagen, através do Jornal NH, destacou o crescimento do movimento e seu progresso em projetos concretos para proteger aspectos importantes da cultura teuto-brasileira. Ele também menciona o engajamento de empresários locais na causa, que adquiriram imóveis históricos, assumindo a responsabilidade de preservá-los.



Figura 32 - Jornal NH, Setembro de 1989

Acervo: Fundação Ernesto Frederico Scheffel

O esforço conjunto, liderado não só por Ernesto Frederico Scheffel, mas também pelo Movimento de Recuperação de Hamburgo Velho, trouxe resultados notáveis. Em 1985, a Casa Schmitt-Presser recebeu o título de patrimônio histórico e artístico nacional da SPAHN- Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual IPHAN. Em 2015, pouco antes do falecimento de Scheffel, o centro histórico de Hamburgo Velho, incluindo não só edifícios, mas também o acervo da Fundação Ernesto Frederico Scheffel, foi oficialmente reconhecido pelo IPHAN. O tombamento abrange aproximadamente 70 imóveis, incluindo igrejas, um cemitério e o Parque Henrique Luiz Roessler, conforme publicação no Diário Oficial da União de 8 de maio de 2015.

3.2. Muito mais que um museu de arte

A Fundação Ernesto Frederico Scheffel abriga hoje o acervo artístico do pintor, escultor e músico Ernesto Frederico Scheffel. Em exposição, são cerca de 350 obras, dispostas em ordem cronológica nos três andares do edifício, sendo o primeiro andar sua fase inicial, quando ainda frequentava o IBA e a Escola Técnica Parobé. O segundo andar é composto por obras de maior maturidade artística, como por exemplo *Richa Gaúcha* (Figura 8), *Hecatombe* (Figura 10), e *Hamburgo Velho* (Figura 11) em exposição. São pinturas de dimensões maiores, produzidas no período em que estava no Rio de Janeiro, estudando com Oswaldo Teixeira. No terceiro andar, encontram-se majoritariamente obras produzidas na Itália, retratos e cenas de ateliê. Nesta fase o espectador consegue perceber maior variedade temática e de materiais, passando de cenas eróticas para religiosas, paisagens e imagens do cotidiano.

Atualmente, Angelo Reinheimer³⁷ Tem ocupando a posição de curador e diretor da FEFS, é um profissional dedicado e apaixonado pela preservação da cultura e história local. Sua jornada na instituição começou ainda muito jovem, quando já demonstrava interesse pela pesquisa histórica. Ao longo dos anos, Angelo tem desempenhado um papel fundamental na condução das atividades da fundação, buscando sempre promover e valorizar o legado artístico e cultural deixado por Ernesto Frederico Scheffel. Seu compromisso, bem como dos que estão com ele nesta empreitada, têm sido fundamentais para enriquecer as experiências dos visitantes e fortalecer o papel da fundação na comunidade.

Apesar das dificuldades e falta de recursos que as instituições culturais enfrentam, é perceptível um cuidado especial da equipe aos visitantes, assegurando que todas as visitas sejam mediadas, tornando a experiência do espectador ainda mais imersiva. A instituição se mantém majoritariamente com recursos da Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, porém para a realização de eventos específicos, como a Temporada Cultural, que acontece todo ano durante alguns meses, conta com patrocínios externos (MALO, 2017)

³⁷ Angelo Reinheimer (1970) - É formado em Restauração de Papel pela escola técnica de Instituto Arte do Livro, de Porto Alegre (JAEGER, 2023).



Figura 33 - Salão principal - Auditório Adão Adolfo Schmitt - FEFS, 2024

Foto: Capturada pela autora, em 16 de janeiro de 2024

A Fundação Ernesto Frederico Scheffel possui um acervo diversificado que vai além das criações artísticas do próprio Scheffel, abrigando um acervo documental de grande valor histórico. Esse acervo teve origem na coleta de materiais realizada pelo grupo envolvido no Movimento de Recuperação de Hamburgo Velho (SOUZA, 2018). Atualmente, o acervo documental da fundação inclui doações da comunidade e materiais resgatados, como livros, fotografias, cartas, postais e jornais. Em 2023 foi lançado um novo site da fundação, que disponibiliza virtualmente parte das obras do artista. Essa iniciativa tem facilitado o acesso do público às obras de Scheffel, contribuindo para a divulgação e preservação de seu legado artístico e cultural.

Além de abrigar o precioso acervo, a FEFS também promove eventos anuais, especialmente voltados à música, em consonância com o desejo de Scheffel de valorizar essa expressão artística (SCHEFFEL, 2013). Esses eventos culturais enriquecem a vida cultural da região e proporcionam oportunidades para artistas locais e visitantes compartilharem experiências e apreciarem a arte em suas diversas formas. Além disso, a fundação realiza palestras e seminários, oferecendo um espaço para o debate e a troca de conhecimentos sobre temas relacionados à arte, história e preservação do patrimônio cultural. Outra importante iniciativa da FEFS são os projetos de educação patrimonial, que envolvem estudantes das redes municipal, estadual e particular. Esses projetos visam sensibilizar as novas gerações para a importância da preservação do patrimônio

histórico e cultural, incentivando o cuidado e a valorização da história local. Ao unir a conservação do acervo, a promoção de eventos culturais e a educação patrimonial, a Fundação Ernesto Frederico Scheffel desempenha um papel fundamental na manutenção e promoção da cultura local, contribuindo para a formação de uma sociedade mais consciente e engajada com sua história e identidade cultural.

Flautista, Carvão e Pastel - 120 x 181 cm - Florença 1973 -
Ernesto Frederico Scheffel - Acervo privado



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia, empenhei-me em resgatar e iluminar uma parte da trajetória artística de Ernesto Frederico Scheffel e seu impacto, com especial ênfase no período em que almejava conquistar o Prêmio de Viagem ao Exterior, concedido pelo Salão Nacional de Belas Artes, e na repercussão das críticas da época sobre sua obra. Procurei dar destaque a produção artística pictórica, tão pouco estudada. Scheffel iniciou os estudos muito jovem, tanto na Escola Técnica Parobé como no Instituto de Belas Artes. Teve uma vida de produção intensa e com muitos acontecimentos, que se dividiram entre Brasil e Itália, principalmente.

Esta pesquisa, espero, servirá como um ponto de partida para abordagens mais profundas sobre a obra de Scheffel no contexto da história da arte. Por meio de uma abordagem que combina fontes documentais primárias em cruzamento com a autobiografia do artista, busquei traçar uma narrativa que lança luz sobre sua produção artística. Utilizando notícias da época, fotografias, críticas de arte e entrevistas concedidas pelo próprio Scheffel ao longo de sua vida, procurei articular uma compreensão mais abrangente da sua trajetória, dentro de uma perspectiva da história da arte.

Inicialmente, tratei de questões genealógicas, que foram uma forte influência da produção do artista. Oriundo de uma família de imigrantes alemães, a cultura germânica sempre esteve presente em sua vida e refletiu, muitas vezes, em suas obras. Posteriormente quando foi para a Alemanha, a influência destas raízes foram potencializadas. Como aluno, Scheffel também se destacou. Seu grande mestre da Escola Técnica Parobé, João Cândido Canal, lhe incentivou a estudar com o grande pintor Oswaldo Teixeira, no Rio de Janeiro, e assim o fez. No IBA, foi aluno de professores atuantes na cena artística da época. Participou de mostras e foi destaque como aluno.

Sua passagem pelo Rio de Janeiro foi marcada por uma disciplina férrea, orientada pelo objetivo único de conquistar o Prêmio de Viagem ao Exterior. Evidentemente, Scheffel muitas vezes escapa desta ordem, caso de *Rixa Gaúcha* (1952) e do *Tríptico* (1957), por exemplo. No entanto, conseguiu alcançá-lo e partir para sua libertação artística, que envolvia pintura, música e escultura. Na Itália, sua produção artística assumiu novas tonalidades e objetivos, especialmente a partir da segunda metade da década de 1960 e durante os anos 1970, quando abraçou temas relacionados ao erotismo e à libertação, experimentando novos suportes, materiais e técnicas.

Lidar com a riqueza de sua biografia foi um desafio enriquecedor, pois cada nova descoberta abria novos horizontes de pesquisa. Selecionar e organizar o material foi um estímulo constante

para aprofundar meu conhecimento sobre este fascinante artista, cuja obra, de cunho academicista, desafiou as vanguardas de sua época. Devo salientar que este trabalho não teria sido possível sem a ajuda e colaboração de inúmeras pessoas e instituições com quem tive contato, embora algumas não citadas aqui.

Dada a quantidade de materiais, principalmente a serem explorados ainda na Fundação Ernesto Frederico Scheffel, esta pesquisa não teve a pretensão de dar conta da totalidade da sua vida artística, uma vez que a cada busca por uma única informação, me deparava com duas ou três novas. São muitas as lacunas que ainda estão abertas, que carecem de detalhadas investigações. Minha contribuição tem como propósito colaborar para que novas pesquisas, mais aprofundadas, deem conta da trajetória do artista, partindo de recortes diversos.

O legado de Scheffel continua a se consolidar. O maior exemplo disto é a Fundação Ernesto Frederico Scheffel, que há mais de 45 anos é referência como centro cultural e de memória da cidade de Novo Hamburgo. A permanência desta instituição é graças a pessoas que acreditam que a cultura transforma vidas, mas também à comunidade que mantém em funcionamento um projeto encabeçado por Scheffel na década de 1970. A maior herança deste artista é ter tornado público mais de 350 obras suas e ter lutado pelo tombamento do Centro Histórico de Hamburgo Velho.

No entanto, em um país que nem sempre valoriza adequadamente a cultura, que a cada governo fica a mercê da boa vontade dos governantes, é importante permanecer vigilante frente ao obscurantismo e manter acesa a chama para que as futuras gerações reconheçam na arte uma ferramenta poderosa para uma reflexão sensível, ampla e profunda frente ao mundo.

REFERÊNCIAS

BOHNS, Neiva Maria Fonseca. Continente Improvável: artes visuais no Rio Grande do Sul do fim do século XIX a meados do século XX. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BRITES, B. CATTANI, I. B. BULHÕES, M. A. GOMES, P. 100 anos de Artes Plásticas no Instituto de Artes da UFRGS: três ensaios. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e Abusos da História Oral. (8a edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

COUTO, Maria de Fátima Morethy. A arte de vanguarda e a crítica de arte no Brasil (1950-1970). Revista do Centro de Pesquisa e Formação, n. 9, 2019.

DALCOL, Francisco. Morre, aos 87 anos, o artista Ernesto Scheffel. Gaúcha ZH, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2015/07/morre-aos-87-anos-o-artista-ernesto-scheffel-el-4802992.html>>. Acesso em: 25 Jan. 2024.

Ernesto Scheffel, um artista em diálogo com os mestres do passado. Gaúcha ZH, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2015/06/ernesto-scheffel-um-artista-em-dialogo-com-os-mestres-do-passado-4780122.html>>. Acesso em: 29 Jan. 2024

DA LUZ, Angela Ancora. Salões Oficiais de Arte no Brasil—um tema em questão. Arte & Ensaios, v. 13, n. 13, p. 58-63, 2006.

Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/issue/view/2056>> Acesso em: 09 Jan. 2024.

DA SILVA, Ledismar José; VIANNA, Lucy Gomes; BEZERRA, Armando José China. Reflexões sobre o envelhecimento e os processos criativos na maturidade a partir dos autorretratos de Rembrandt. Revista Kairós-Gerontologia, v. 16, n. 1, p. 77-91, 2013.

GOÉS. Célia de. Scheffel, o pintor gaúcho. Diário Carioca, Rio de Janeiro, ano XXIV, edição nº 7007, p. 8, 4 de maio de 1951.

GOMES, Paulo (Org.). Artes Plásticas no Rio Grande do Sul: uma panorâmica. Porto Alegre: Lahtu Sensus, 2007.

GOMBRICH, Ernst Hans. A história da arte; tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

HALL, James. The Self-Portrait: A Cultural History. New York: Thames & Hudson, 2014.

HATZENBERGER, Dionísio Felipe; SMED NH. CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE NOVO HAMBURGO: 6 Décadas de História 1958-2018, Novo Hamburgo: Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, 2020.

HÄDRICH, Caroline. A arte e o ofício de José Lutzenberger (1882–1951). Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de Pós- Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes, UFRGS, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/238265/001140651.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 jan. 2024.

HOBSBAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX. Editora Companhia das Letras, 1995.

JAEGER, Gabriel. Como uma casa bicentenária em estilo enxaimel no interior do Rio Grande do Sul virou museu comunitário. Nonada, 2023. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2023/06/como-uma-casa-bicentenaria-em-estilo-enxaimel-no-interior-do-rio-grande-do-sul-virou-museu-comunitario/>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

KLOECKNER, Francine. Pinacoteca Aplub de arte Rio-Grandense: instituição e primeiros anos. Bacharelado em História da Arte, Departamento de Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/114647>>. Acesso em: 26 nov. 2023.

KRAWCZYK, Flávio. O espetáculo da legitimidade: os salões de artes plásticas em Porto Alegre – 1875/1995. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de Pós- Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes, UFRGS, Porto Alegre, 1997.

LEITE. José Roberto Teixeira. Letras e Arte. Revista da Semana, Rio de Janeiro, ano 58, edição nº 42, 18 out. 1958, p. 25.

MAGALHÃES, A. G. A Bienal de São Paulo, o debate artístico dos anos 1950 e a constituição do primeiro museu de arte moderna do Brasil. *Museologia & Interdisciplinaridade*, [S. l.], v. 4, n. 7, p. 112–129, 2015. DOI: 10.26512/museologia.v4i7.16776. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16776>. Acesso em: 16 jan. 2024.

MALO, Alejandro. Entrevista: Angelo Reinheimer, curador da Fundação Scheffel conversa com Alejandro Malo. Jornal NH, Youtube, 2017. Disponível em: <<https://youtu.be/yqvREWZ3bkA?si=0dXPNfTuJ7SntGF9>>. Acesso em: 05 Jan. 2024.

NEM ESCOLA CLÁSSICA NEM ESCOLA MODERNA: PREDOMÍNIO DO “NÚ ARTÍSTICO” NO LXII SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES. Última hora, Rio de Janeiro, VII, edição 2218, 21 set. 1957, p. 7.

NOTAS DE ARTE. Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, ano 121 , edição 132, 06 de março de 1948, p. 5.

O CLÁSSICO E O MODERNO CINDEM O JÚRI DO SALÃO. O Globo, Rio de Janeiro, ano XXXIV, edição nº 9962, 24 out. 1958, p. 6.

PINTO, Wilson Coêlho. Maio de 68: um lance de utopia. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 18, n. 204, p. 25-36, 2018.

PUTZ, Elizabeth Barnes. *Classical antiquity in the painting of Arnold Bocklin*. University of California, Berkeley, 1979.

QUERIDO, Alessandra Matias. Autobiografia e autorretrato: cores e dores de Carolina Maria de Jesus e de Frida Kahlo. *Revista Estudos Feministas*, v. 20, p. 881-899, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000300016>> Acesso em: 21 jan. 2024.

ROSA, Renato; PRESSER, Decio. *Dicionário de artes plásticas no Rio Grande do Sul*. Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

SCHEFFEL, Ernesto Frederico; REINHEIMER, Angelo (org); HERMES, Gilmar (org). *Scheffel por ele mesmo*. Novo Hamburgo: Um Cultural. 2013.

SILVA, Úrsula Rosa da. *A fundamentação estética da crítica de arte em Ângelo Guido: a crítica de arte sob o enfoque de uma história de ideias*. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

SILVA, H. Pereira da. *Formas e cores, Frederico Scheffel. Diário da Noite. Ano 1956, edição nº 6676, p. 4.*

SCHÜTZ, Ivani. *Museu de Arte de Porto Alegre recebe doação de 114 obras de coleção particular*. Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2023. Disponível em: <<https://prefeitura.poa.br/smc/noticias/museu-de-arte-de-porto-alegre-recebe-doacao-de-114-obras-de-colecao-particular>>. Acesso em: 02 fev. 2024.

SOUZA, Quésia Katúscia Gasparetto de; *A bela rosa e seus espinhos: semeando a preservação do bairro Hamburgo Velho (1970-1980)*. Dissertação (Mestrado em história) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo. 2018.

SPERB, Angela Tereza; HANSEN, PRS. *A continuidade do Museu de Rua*. *Cadernos do CEOM*, v. 27, n. 41, p. 251-271, 2014.

Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2606>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

APÊNDICES

1. APÊNDICE A - Cronologia Ernesto Scheffel

Nome completo: Ernesto Frederico Scheffel

Data de nascimento: 08/10/1927, Campo Bom, Rio Grande do Sul, Brasil

Data de falecimento: 16/07/2015, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Filiação: Albano João Hans Scheffel (1898-1983) e Hilda Jacobus Scheffel (1904-1976)

- 1927** Ernesto Frederico Scheffel nasce em Campo Bom - RS e pouco anos depois sua família se muda para Novo Hamburgo.
- 1940** Prefeito de Novo Hamburgo recebe a pintura *Casa do prefeito Odon Cavalcanti* como presente cedido pela Escola Evangélica de Hamburgo, realizada por Scheffel e entregue no encerramento do semestre letivo daquele ano
- 1941** Scheffel com 14 anos ingressa na Escola Técnica Parobé e em inicia o processo de matrícula no Instituto de Belas Artes, após avaliação dos professores João Candido Canal e Angelo Guido.
- 1947** Com 18 anos, Scheffel ingressa no Serviço Militar Obrigatório. Têm o primeiro encontro com Oswaldo Teixeira, no Museu Nacional de Belas Artes.
- 1948** Recebe medalha de prata pela obra *Natureza Morta*, no II Salão Militar de Artes Plásticas
- 1949** Após se formar no Instituto de Belas Artes, realiza exposição individual na Galeria de Arte Casa das Molduras, em Porto Alegre.
- 1950** Scheffel recebe uma bolsa de estudos para estudar no Rio de Janeiro, aprovada pela Assembleia Legislativa.
- 1951** Exposição Ernesto Scheffel, realizada no Museu Nacional de Belas Artes, composta por obras realizadas durante seus estudos entre Porto Alegre e Hamburgo Velho.
- Estreia no Salão Nacional de Belas Artes com a obra *Meditação* (1951), obtendo medalha de bronze.

- 1952** Scheffel participa do 1º Salão Livre de Belas Artes, ou “Salão dos Recusados”, em oposição ao Salão oficial daquele mesmo ano. O artista apresentou a tela *Rixa Gaúcha* (1952).
- 1958** Recebe o Prêmio de Viagem ao Exterior do Salão Nacional de Belas Artes, pela obra *Jerônimo* (1958).
- 1959** Em 10 de maio de 1959, Scheffel se despede do Brasil. Antes de chegar ao destino final, que seria a Itália, conheceu Portugal, Espanha, França, Alemanha, Bélgica E Holanda.
- Neste mesmo ano Scheffel expôs seus trabalhos realizados durante o período em que esteve no Rio de Janeiro em Novo Hamburgo e Porto Alegre.
- 1963** Realiza exposição na Casa das Molduras, em Porto Alegre, com obras suas, de Pedro Américo e Oswaldo Teixeira.
- 1964** Expõe pela primeira vez no Museo Casa di Dante, em Florença, na Itália, recebendo a visita do retratista italiano Pietro Annigoni (1910-1988).
- Realiza a primeira obra pública na Itália, uma efígie do pintor brasileiro Pedro Américo de Figueiredo e Mello (1843-1905).
- 1965** Realiza a obra *Sagrado Coração* (1965) para a Igreja de San Giovannino dei’ Cavaliere, localizada em Florença.
- 1966** Realiza o afresco *Tabernáculo del Pitto*, sua terceira obra publica em Florença. O estudo foi aprovado pela Comissão de Belas Artes da Superintendência dos Museus e Monumentos Históricos e Artísticos da Toscana.
- 1968** Realiza a obra *Batismo de Jesus* ou *Batismo Ignesti* (1967-68) na Capela Ignesti em San Piero a Sieve, localizado em Mugello, Itália.
- Neste mesmo ano, realizou outro Batismo de Jesus, na Igreja Maria Immacolata em Sesto Fiorentino, um afresco em dimensões reais.
- 1971** Scheffel expõe novamente na Casa de Dante, com uma mostra individual e obras de sua nova fase, que foge de temáticas religiosas, realizadas até então na Itália.

- 1974** Realiza exposição retrospectiva na Sesquibral - Sesquicentenário da imigração alemã, localizado no Parque de Exposições da FENAC, em Novo Hamburgo. Nesta ocasião conheceu o médico e colecionador de arte Rolf Zelmanowicz.
- É inaugurada a Galeria Municipal Ernesto Frederico Scheffel é inaugurada, a fim de abrigar acervo do artista.
- 1975** Recebe o convite para pintar a primeira-dama do Brasil, Lucy Geisel e sua filha Amália Lucy em Brasília.
- 1976** Realiza exposição individual para a inauguração do Ateliê APLUB, promovida pela Pinacoteca APLUB de Arte Rio-Grandense, organizada por Rolf Zelmanowicz em Porto Alegre.
- 1978** É inaugurada a Galeria de Arte Municipal Ernesto Frederico Scheffel e a Fundação Ernesto Frederico Scheffel, que é criada por uma necessidade de fins burocráticos, porém posteriormente se assume como “Fundação”.
- 1982** Participa da exposição coletiva no MARGS, em Porto Alegre, organizada pela Casa do Artista Plástico do Rio Grande do Sul e patrocinada pela Pinacoteca APLUB de Arte Rio Grandense.
- 1983** Criação do jornal Hamburgerberg, que tinha como objetivo a divulgação das pesquisas realizadas pelo grupo que buscava preservar o patrimônio da cidade de Novo Hamburgo. O jornal teve sua última edição em 1988 e durante este período foi coordenado pela historiadora Angela Sperb.
- Scheffel tem seis de suas composições gravadas em disco pela OSPA - Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, com regência de Arlindo Teixeira.
- 1989** Realiza exposição *Desenho, Aquarela e Técnica Mista* na Galeria Contemporânea, em Novo Hamburgo.
- 1998** É convidado para participar da “Comemoração dos 825 anos de Berghausen”, na Alemanha, devido seu antepassado, Johann Christian Scheffel-Junior
- 2000** Realiza exposição na cidade de Barga, província de Lucca, organizada pela Secretaria de Políticas Comunitárias da cidade.
- Em abril, recebe do Município de Novo Hamburgo o título de “Benfeitor” da cidade.

- 2004** Recebe o troféu O Sul - Mérito do Vale, promovido pela Rede Pampa de Comunicação em parceria com a FENAC.
- Recebe cidadania honorária da comuna de Fabbriche di Vallico (atual Fabbriche di Vergemoli), localizado na Província de Lucca.
- Recebe, da Câmara de Vereadores de Novo Hamburgo o título de Cidadão de Novo Hamburgo
- 2013** Em novembro é publicada a autobiografia intitulada *Scheffel por ele mesmo*, organizada por Angelo Reinheimer e Gilmar Hermes.
- 2015** Falece em julho Ernesto Frederico Scheffel, Hospital de Clínicas de Porto Alegre devido a um câncer. O velório ocorreu na Fundação Ernesto Frederico Scheffel.
- Tem obra selecionada para a exposição coletiva *Caro, Cara*, com curadoria de André Venzon no MARGS, Porto Alegre.
- 2017** Com curadoria de Angelo Reinheimer, a exposição *Scheffel Por Ele Mesmo*, realizada no MARGS, Porto Alegre, reuniu obras do acervo da família Zelmanowicz e da Fundação Ernesto Frederico Scheffel, com ênfase nas produções da década de 1970.

2. FOTOGRAFIAS



Fundação Ernesto Frederico Scheffel
Parte do acervo resgatado pela FEFS, disponível para pesquisa 1
Foto: Capturada pela autora, em 16 de janeiro de 2024



Fundação Ernesto Frederico Scheffel
Foto: Capturada pela autora, em 16 de janeiro de 2024

ANEXOS

ANEXO A

Casa Schmitt respira muito mais tranquila

Finalmente chegam recursos e futuro museu ganha obras

Por Roberto Nielsen
da Editoria de Cadernos

Finalmente, depois de muitos anos de luta dos preservacionistas hamburgueses, a Casa Schmitt - também conhecida como Casa Presser, localizada na rua General Daltro Filho, 929, marco da colonização alemã não só em Novo Hamburgo como no Rio Grande do Sul, está sendo restaurada. Datada da primeira metade do século passado e tida como o mais importante acervo arquitetônico da história local, foi residência do colono alemão João Pedro Schmitt, colonizador de Novo Hamburgo, que imigrou de Hesse, em 1825.

A restauração deve-se a um trabalho incessante iniciado pelo Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho, seccional Novo Hamburgo, e que está tendo sua continuidade graças a muitos preservacionistas, como Ernest Sarlet, Jussara Kley, Karin Maria Lauer, Edson Tosi, Angela Sperb, Liene Schütz, Isaura Ludwig Strack, José Ricardo Zini, Miguel Holzbach, Volnei Ferrari e Alotcio Daut. Estes são apenas alguns nomes, não definitivos ou imprescindíveis, mas pessoas também, como outras igualmente importantes, responsáveis pela restauração que hoje ocorre.

Atualmente a casa está recebendo proteção inicial para que não desmorone, tendo também trabalhos de limpeza da área para a restauração propriamente dita. Os trabalhos estão sendo coordenados pela arquiteta Maria Cristina Hofen, da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN; pela arquiteta Jussara Kley, do Conselho Municipal de Cultura; e pelos representantes da Prefeitura, Karin Maria Lauer e Edson Tosi.

Estão sendo empregados 20 mil cruzados novos repassados pela Prefeitura e outros 70 mil oriundos da SPHAN. Sobre isso, o secretário de Educação, Ernest Sarlet, é esclarecedor: "aqui não há desvio de recursos, pois as despesas estão sendo controladas, e com isso pode-se dar a boa notícia para Novo Hamburgo de que em dois anos a cidade vai ter esse prédio restaurado". Sarlet diz também que "nós gostaríamos que este movimento se ampliasse em Hamburgo Velho, para que aquele recanto retrate algo das raízes desta comunidade".

O prazo é de dois anos para que a restauração esteja concluída e a casa abrigue um museu e não um "mansoleio", como cita Sarlet. Pretende um espaço dinâmico, onde ocorram pesquisas, debates, enfim, várias atividades culturais não deixando a casa como um espaço estático. De acordo com os especialistas em restauração, esta será a primeira casa no país restaurada autenticamente no estilo enxaimel.



Jornal NH, setembro de 1990

Início do processo de restauro da Casa Schmitt-Presser, Av. Gen. Daltro Filho, 929, Hamburgo Velho - NH
Acervo: Fundação Ernesto Frederico Scheffel

ANEXO B

"NH" 5.12.80

**ARTES
CULTURA
ETC.**
Evânia REICHERT

Comunidade está participando da campanha de restauração de H. Velho

Os trabalhos de recuperação e embelezamento de Hamburgo Velho tiveram continuação nesse domingo que passou (dia 30 de novembro), com a participação de 20 pessoas, que lixaram, limpam e retocaram as partes quebradas nos muros, realizando um trabalho árduo, mas que com o entusiasmo de todos, transformou-se numa recreação. Ao meio-dia grande parte do grupo reuniu-se na Galeria de Artes para o almoço regado a vinho.

Participaram dos trabalhos deste domingo: Dejair Krumenan, Paulo Winter, Carmen Haas, Ana Maria Haas, Pércio Haas Neto, Ângela Astolfi, Miriam Astolfi, Fernando Astolfi, Márcia Astolfi, Elima Timm, Graziela Astolfi, João Luís Holmes Pereira, Vitor Fernando Kern, Iara Ledur, Helena Ledur, Vitor Nichelle, Bráulio Scholles, Luiz Henrique Naud, Ernesto Frederico Scheffel, Ângela Tereza Sperb.

COMUNIDADE REAGE POSITIVA

O próximo trabalho a ser realizado será a recuperação da fachada da casa de comércio de Guilherme Kley, na Daltro Filho 800, juntamente com a casa de Afonso Winter na rua Piratini, 32. Ao que parece, a comunidade de Hamburgo Velho vem reagindo de forma muito positiva ao trabalho e à campanha. Prova disso é que Guilherme Kley, entusiasmado com a recuperação de seu estabelecimento comercial (a fachada), doou o cimento necessário para este trabalho.

Jornal NH, 05 de dezembro de 1980

Participação da comunidade no processo de "embelezamento" de Hamburgo Velho.

Acervo: Fundação Ernesto Frederico Scheffel

ARTES E CULTURA

"NH" 17.02.82

Scheffel quer a criação do Centro Histórico H. Velho

O artista plástico Ernesto Frederico Scheffel, presidente do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural, está solicitando ao Poder Executivo, através de lei especial de tombamento, a criação do Centro Histórico de Hamburgo Velho, a fim de preservar prédios de valor histórico e cultural da cidade, diante da invasão do setor imobiliário e de construção, que com projetos desordenados de urbanização, alteram as características do bairro.

PRESERVAR HAMBURGO VELHO

No documento enviado ao prefeito Eugênio Nelson Ritzel, as argumentações são as seguintes, através das considerações:

— que a Constituição Federal, art. 180, § único, protege o patrimônio histórico, artístico e mais os monumentos e as paisagens naturais notáveis, bem como as jazidas arqueológicas;

— que, em 8 de junho de 1977, no gabinete do Executivo desta cidade, em reunião da qual participaram o senhor prefeito municipal e cerca de 30 pessoas representativas da comunidade, foi fundada a seccional de Novo Hamburgo do Movimento de Defesa do Acervo Cultural Gaúcho, ocasião em que se esboçou o projeto de criação do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural, que foi efetivado através de decreto-lei nº 229/77, de 3 de novembro de 1977;

— que tanto o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural, quanto a seccional do Movimento de Defesa do

Acervo Cultural Gaúcho, em várias ocasiões, manifestaram-se pela preservação de nosso patrimônio, sendo que as respostas, quando ocorreram, foram vagas;

— que a ineficácia destas iniciativas fez surgir, em 16 de novembro de 1980, o Movimento de Recuperação do Patrimônio Histórico e Artístico de Hamburgo Velho, que consiste numa atividade comunitária, onde pessoas de todas as idades e profissões colaboram, pintando, aos domingos, os prédios de valor histórico e cultural do bairro de Hamburgo Velho, demonstrando, na prática, uma forma de preservar um patrimônio que é de todos, na medida que é testemunho do passado histórico da comunidade".

MOVIMENTO TEVE ÊXITO

— que este movimento teve êxito e é aceito pela comunidade hamburguesa e já se projetou no Rio Grande do Sul e estados vizinhos, através da imprensa escrita e televisada, e da Loteria Estadual, sendo que a maior divulgação da atividade está no plano da TV Educativa Nacional, do Rio de Janeiro, e da revista Visão de São Paulo, que, para isto, já fizeram contatos com o grupo;

— que a preservação e a valorização do nosso patrimônio histórico foram assumidas pela municipalidade através do Comtur, que incluiu o Centro Histórico de Hamburgo Velho no seu roteiro turístico, e pelo Executivo municipal, que, em mensagem que encaminhou à Câmara de Vereadores, lembrou nossa história, arte e cultura como elementos

através dos quais os turistas nacionais e estrangeiros podem tomar contato e conhecer nosso povo (cfr. NH 24.12.81);

— que Hamburgo Velho, como centro histórico e artístico, recebeu, nos últimos três anos, mais de 26 mil turistas do Estado, país e exterior;

— que, diante de todos estes fatos, a população questiona pela participação efetiva da Prefeitura Municipal, parece-nos que a administração pública municipal deve-se posicionar e participar de fato e de direito, não necessariamente através de um apoio financeiro, mas legislando e administrando em favor da defesa e preservação do patrimônio histórico e artístico do município.

E o momento de legislar neste sentido. Seria frustrar a expectativa da maioria dos munícipes, permitir que a invasão de imobiliárias e empresas construtoras, com projetos desordenados de urbanização, alterem as características próprias do bairro histórico. É inadmissível e imperdoável que isto possa acontecer por uma omissão administrativa dos órgãos competentes do município".

CENTRO HISTÓRICO

Deste modo, o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural, dentro de suas atribuições, sugere que, sem perda de tempo, seja decretada lei criando o Centro Histórico de Hamburgo Velho (ou Hamburgerberg), através de lei especial de tombamento.

O espaço a ser preservado e que deve ser considerado no plano diretor de organização do espaço

urbano, o Centro Histórico de Hamburgo Velho e a área que o circunscreve, está delimitado pelas seguintes ruas: início da rua Heller, cruzando a avenida Maurício Cardoso, seguindo pela rua Arapuá, rua Araguaia, rua Curupaiti, circundando o Cemitério Municipal até a rua Almiro Lau, em direção à avenida Francisco M. da Silva, rua Sapiranga, de onde, em linha reta (direção norte), segue até a rua Barão de Santo Angelo, segue pela rua Guaicá até a avenida Daltro Filho, descendo pela rua J. Bento Schmitz até a rua Anchieta, rua Engenheiro Jorge Schury, até a rua Marquês de Souza, cruzando em linha reta (para oeste) o bairro Vila Nova até a rua Caxambu, em linha reta (direção sul) até a rua Itai, rua Ibirubá, rua Pe. Nóbrega até a avenida Machado de Assis, seguindo pela rua Domingos de Almeida até a rua Joaquim Pedro Soares, rua Júlio de Castilhos, circunscrevendo a Praça 20 de Setembro, rua Joaquim Nabuco até rua Joaquim Pedro Soares, retornando à rua Heller. Mais toda a área que corresponde ao morro de Dois Irmãos, por identificar e simbolizar geograficamente Novo Hamburgo e por constituir-se em importante zona ecológica.

Este espaço abrange áreas edificadas e áreas verdes, indispensáveis para que as características e peculiaridades no bairro histórico sejam identificadas, valorizadas e preservadas. É este conjunto que identifica e personaliza o bairro, que dá a 'imagem' do Centro Histórico, permitindo seja ele documento da história urbana, social, econômica e cultural de Novo Hamburgo".

Jornal NH, 17 de fevereiro de 1982

Reportagem sobre a busca pela criação do Centro Histórico de Hamburgo Velho e as atividades promovidas pelo Movimento de Recuperação do Patrimônio e Artístico de Hamburgo Velho.

Acervo: Fundação Ernesto Frederico Scheffel

ANEXO D

12 e 13/03/88 Sete Dias 2

Artes

Scheffel Um artista que não procura diferenciações

Teatro

Entre as atrações do final de semana, o destaque fica por conta de "Escondida na Calcinha", peça dirigida e roteirizada por Patsy Cecato que apresenta Márcia do Canto (melhor atriz de 87) e Waléria Grehs numa performance superelogiada pela crítica gaúcha. Vale a pena conferir a colagem poética organizada por essas mulheres que mostram o universo feminino com muito folgado e ritmo. Sábado e domingo, às 21h, na Casa da Cultura. Ingressos a Cr\$200,00.

Ernesto Frederico Scheffel é um homem profundamente ligado a sua terra e gente. Aprendeu, em longas reflexões, a extrair da vida uma simplicidade que procura passar para os outros através da sua produção artística, expressada em telas, esculturas e composições musicais. Perseguido com tenacidade, a música é burilada em sua essência. Suas obras estão reunidas numa instituição por ele criada em Hamburgo Velho, onde passou parte de sua infância. Para tanto, doou documentos, telas, esculturas, objetos e todo o material de que dispunha em benefício de uma fundação, surgida há dez anos. Além de salvaguardar uma importante coleção artística, a instituição preocupa-se em proporcionar condições de ensino e pesquisa para outros artistas, oferecendo oficinas e cursos que dão uma melhor compreensão sobre arte e suas múltiplas facetas. Scheffel esteve em Caxias para participar da Grazie Itália.

Valdir dos Santos

P: Você mora em Florença na Itália, onde tem seu atelier e onde encontra condições de trabalho e de enriquecimento cultural. A que se deve esta visita ao Brasil?

Ernesto: A minha volta, depois de um período de dois anos em que me pertenci e tive tempo para refletir e criar, foi para rever e saber o que aqui estava acontecendo, ver como anda a fundação que leva meu nome, ver como estão funcionando as suas atividades nesse tempo de crise.

P: Como sobrevive a fundação em Hamburgo Velho?

E: Ela é subsidiada pelo município pelo Estado e recebe apoio federal, além de uma importante parcela de contribuição da comunidade, que participa das atividades culturais da fundação e contribui com verbais para a sua sustentação.

P: Como você analisa a Lei Sarney?

E: A Lei Sarney é bastante boa, mas a ajuda que traz é irrisória. Acho pouco se considerarmos que a cultura é a única coisa que enriquece a humanidade. O desenvolvimento do setor cultural tem que ser feito com muito mais apoio financeiro, pois a cultura nivela as pessoas criando condições de igualdade e comunicação que a própria humanidade persegue ao longo da História. Ela também possibilita o descobrimento de cada indivíduo e suas potencialidades, um tipo de des-

coltrimento que só pode partir do indivíduo. Por isso o dinheiro é só uma forma de apoio, o que resolve mesmo é o interesse das pessoas.

P: O que é a atividade artística para o artista?

E: A atividade artística é mais paião do que profissão. O artista jamais recua diante de um processo de reflexão, de crescimento e conhecimento cultural. Ao artista há que se ensinar a caminhar para que o mesmo se descubra, atinja os seus próprios pontos de interesse. Sou contra os longos cursos de arte, ao interessado devem ser ministrados cursos rápidos e objetivos do manuseio da técnica, da estrutura das artes. O crescimento é posterior, vem de uma postura própria do indivíduo frente à vida. Ao artista cabe buscar a forma de se expressar, deve se deixar envolver pela reflexão sem esperar retornos. Essas reflexões levam a uma ligação individual com o mundo, com o despertar de novos interesses em comunicação. Eu não sei a forma perfeita de me comunicar, posso utilizar vários meios, posso até escrever teatro, por exemplo. A música tem sido um desses canais, as artes plásticas também. O artista nunca deve procurar diferenciar-se dos outros, deve ter calma e nunca ter medo de apoiar-se nos conhecimentos adquiridos pela humanidade ao longo da História.

"O artista nunca deve procurar diferenciar-se dos outros"




Jornal O Pioneiro, 1988 - Caxias do Sul

Texto de Valdir dos Santos

Acervo: Hemeroteca Digital Brasileira: <https://memoria.bn.br/>

ANEXO E

Jornal NH, sábado e domingo, 23 e 24 de Setembro de 1989 HAMBURGO

Scheffel, um artista e um espaço para cultura local

Acervo do artista reúne 1.272 obras na maior pinacoteca do RS

→ 1890 ←
 Jean de Arènes

Hamburgo Velho abriga, em um casarão estilo neo-clássico, construído em 1846, a Fundação Ernesto Frederico Scheffel. Um espaço dedicado ao acervo histórico da cidade, com fotografias, objetos de uso pessoal dos colonizadores e outros itens que contam um pouco da história hamburguesa. Mas, o que mais destaca-se na Fundação, são as obras de Scheffel, artista plástico de destaque nacional pela beleza de seus trabalhos. A Fundação, com dois mil metros quadrados de área construída é a maior pinacoteca do Estado. Abre das 13h às 18h de terça à domingo para visitação e estão, além dos objetos históricos, 272 obras de Scheffel e em torno de mil de reserva técnica, para que seja feito o rodízio das obras, o que dá a dinâmica da casa, sempre com novos - e belos - trabalhos. Conheça um pouco mais deste ilustre pintor, que teve sua vida e obra estudadas por Angela Sperb:



Fundação Scheffel completa 11 anos no dia 5 de novembro

Jornal NH, Setembro de 1989 - Novo Hamburgo
 Acervo: Fundação Ernesto Frederico Scheffel

ANEXO F



O Governo do Estado do Rio Grande do Sul, a Secretaria da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer e o Museu de Arte do Rio Grande do Sul Aldo Malagoli têm a honra de convidar para a abertura de exposição

SCHEFFEL POR ELE MESMO

ABERTURA 24 de outubro de 2017, às 19h

VISITAÇÃO de 25 de outubro a 5 de dezembro de 2017
de terças a domingos, das 10h às 19h

Museu de Arte do Rio Grande do Sul Aldo Malagoli
Praça da Alfândega, s/n° | Centro Histórico - Porto Alegre/RS - Brasil | Fone (51) 3227.2311
www.facebook.com/margsmuseu | www.margs.rs.gov.br

Agência

NOVO CULTURA | CAFE ARRY | Arteplanis | CMPC | MARGS

Patrocínio

ABC in Saúde | BRDE | Banrisul | TODS | MARGS | TODS

Realização

Cartaz para a divulgação da exposição Scheffel por ele mesmo, MARGS, Porto Alegre

Fonte: MARGS - Museu de Arte do Rio Grande do Sul Aldo Malagoli

<https://www.margs.rs.gov.br/> Acesso em: 29 Jan. 2024